

2º CICLO

MESTRADO EM ENSINO DA GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

# **A ‘paisagem’ enquanto património: ensaio em turmas de Geografia do 7º ano de escolaridade.**

Daniela Patrícia Loureiro Matias

**M**

2021





Daniela Patrícia Loureiro Matias

## **A ‘paisagem’ enquanto património: ensaio em turmas de Geografia do 7º ano de escolaridade.**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares e, em estágio, pela Professora Doutora Marina Marques da Fonseca Martins Vicente e supervisionada, em estágio, pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021



Daniela Patrícia Loureiro Matias

## **“A ‘paisagem’ enquanto património: ensaio em turmas de Geografia do 7º ano de escolaridade.”**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares e, em estágio, pela Professora Doutora Marina Marques da Fonseca Martins Vicente e supervisionada, em estágio, pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco.

### **Membros do Júri**

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*Desejo que tu,*

*Não tenhas medo da vida, tenhas medo de não a viver.*

*Não há céu sem tempestades, nem caminhos sem acidentes;*

*Só é digno do pódio quem usa as derrotas para o alcançar;*

*Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas para a irrigar.*

*Os frágeis, usam a força; os fortes, a inteligência.*

*Sê uma sonhadora, mas une os teus sonhos com disciplina,*

*Pois os sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas.*

*Debate as ideias. Luta pelo que tu amas.*

*Augusto Cury*



# Sumário

Declaração de honra .....	10
Agradecimentos .....	11
Resumo.....	15
Abstract .....	16
Índice de Figuras .....	17
Índice de Tabelas.....	18
Índice de Gráficos.....	19
Lista de abreviaturas e siglas.....	20
Introdução.....	21
1.Enquadramento concetual.....	26
1.1. Conceitos-chave em Geografia: espaço, lugar, território, região e paisagem. ....	26
1.1.1. O espaço Geográfico.....	26
1.1.2. O conceito de lugar.....	28
1.1.3. O conceito de território .....	30
1.1.4. O conceito de região.....	31
1.1.5. O conceito de Paisagem e as correntes do Pensamento Geográfico .....	33
1.2. A Paisagem como património e conceitos associados.....	41
2.Enquadramento do estudo de caso .....	49
2.1. Caraterização da Escola Secundária João Gonçalves Zarco.....	49
2.2. Contexto educativo .....	54
2.2.1. Organização das sessões letivas e não letivas .....	54
2.2.2. Caraterização das turmas .....	57
2.3. Contexto metodológico.....	58
2.3.1. As aprendizagens essenciais associadas ao tema em estudo e os recursos pedagógicos .....	58
2.3.2. Materiais e métodos.....	62
3.Apresentação e análise dos resultados.....	66
3.1. Primeiro questionário.....	66
3.1.1. Os conceitos.....	66
3.1.2. O potencial da ‘paisagem’ enquanto património .....	73



Conclusão ou Considerações Finais.....	86
Referências Bibliográficas .....	90
Anexos.....	94
Anexo 1.....	95
Primeiro questionário (parte 1).....	95
Primeiro questionário (parte 2).....	96
Primeiro questionário (parte 3).....	97
Primeiro questionário (parte 4).....	98
Anexo 2.....	99
Ficha-inventário base. ....	99
Exemplo de ficha-inventário fornecida aos alunos. ....	100
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	101
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	102
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	103
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	104
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	105
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	106
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	107
Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos. ....	108
Anexo 3.....	109
Exercício final (parte 1).....	109
Exercício final (parte 2).....	110

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Setembro de 2021

Daniela Patrícia Loureiro Matias

## Agradecimentos

O sonho comanda a vida. Já dizia António Gedeão que compôs a sua “Pedra Filosofal”. Não tem como imaginar, mas o seu versículo tornou-se como um mantra na minha vida. Não há objetivos se não houver sonhos. Sonhar leva-nos a projetar, imaginar, ambicionar. Um dia, sonhei que queria ser professora. Mas não uma professora qualquer. Seria professora de Geografia! Por vários motivos, mas principalmente porque sou uma eterna apaixonada por esta ciência que estuda o espaço geográfico e as relações entre o Homem e o Meio. Mas a Geografia é muito mais que isso. Tal como li num blogue<sup>1</sup>,

“O professor de Geografia não se limita a falar da matéria; dá-lhe relevo. O professor de Geografia não prepara as aulas; faz planeamento. O professor de Geografia nunca esgota as estratégias; tem a sua reserva natural. O professor de Geografia não diz que os seus alunos são preguiçosos; fazem parte da população inativa. O professor de Geografia não pergunta aos seus alunos se estão a perceber; pergunta-lhes se estão a pescar alguma coisa. O professor de Geografia não dá indicações; dá coordenadas. O professor de Geografia não fala dos seus alunos; traça-lhes o perfil longitudinal e transversal. O professor de Geografia não motiva os alunos dizendo-lhes “Tu consegues”; diz-lhes “Arriba!”. O professor de Geografia nunca é impulsivo; tem momentos de precipitação. O professor de Geografia não dá só o melhor de si aos alunos; dá-lhes o mundo.”

Hoje, com uma nostalgia enorme e com os olhos lagrimados parabeno-me a mim, pela força e coragem que sempre tive e por nunca ter desistido de lutar pelo meu sonho... e escrevo igualmente a quem me acompanhou. Escrever este parâmetro do meu relatório de estágio não só significa que esta etapa crucial da minha vida está a terminar, mas que também chegou o momento de agradecer e transmitir uma palavra

---

<sup>1</sup> <https://www.facebook.com/coisasdavidavidadascoisas/posts/1950182945113988/>. Blog: *lado.a.lado*, por Elisabete Bárbara.

de apreço a todos aqueles que privaram comigo ao longo destes cinco anos e tornaram este percurso bastante mais gratificante.

Por vezes, a correria do dia a dia não nos permite parar para pensar no impacto que temos na vida de alguém, ou o quão importantes podemos ser. Não entendemos que as nossas decisões podem influenciar a vida de certas pessoas, quer seja no bom sentido ou no mau. Por isso, é altura de agradecer, no sentido mais pessoal e emotivo da palavra, a todos aqueles que me são queridos e merecem reconhecimento da minha parte.

Este é mais um ciclo que se fecha, com a certeza de que muitos outros se iniciarão e com a convicção de que, esteja onde estiver, poderei contar sempre com todos aqueles que menciono. Também eu cresci e aprendi muito convosco!

Aos meus pais,

Pela educação, por me permitirem voar e pela amabilidade de me oferecerem o curso, sem nunca questionar as minhas decisões.

À minha querida irmã, Manuela,

Pela entejuda, pelo apoio constante, pelo amparo e pelas palavras nas horas difíceis. Pela prontidão e disponibilidade em ajudar, pelo entusiasmo com as minhas vitórias, pela emoção de me ver progredir e pelos conselhos de irmã mais velha.

À minha família,

Que de forma mais direta ou indiretamente prestaram apoio e apreço ao longo de toda a minha caminhada, aplaudindo as minhas conquistas.

Ao meu namorado, André,

Por ser o meu pilar e porto seguro. Pela paciência, pela empatia, pela presença e apoio nos momentos bons e naqueles em que a força e a coragem me falharam. Pelas palavras carinhosas e sempre certas, pelo incentivo, por vibrar tanto quanto eu com as minhas conquistas. Pela confiança depositada em mim e por nunca me deixar desistir. Pelo amor, companheirismo e estima.

À minha querida Daniela,

Por ser a melhor colega (e amiga) de estágio que alguém poderia ter. Pela disponibilidade, ajuda, pela partilha de conhecimento, pelo auxílio nas horas de maior sufoco. Pelo ombro amigo, pela parceria e companheirismo, por todos os conselhos, pela presença e, sobretudo, pela amizade.

À minha supervisora de estágio, Dra. Marina Vicente,

Pela partilha de conhecimento, pelo incentivo, pelo profissionalismo. Pelo respeito e disponibilidade em ajudar ao longo de todo este percurso. Pelos conselhos sábios que a experiência e o percurso profissional lhe foram ensinando e me foi transmitindo. Pela confiança, segurança e responsabilidade que foi capaz de depositar em mim. Por ter tornado o meu primeiro contacto com a profissão uma experiência bastante enriquecedora e gratificante. Um obrigada não chega.

À minha orientadora, Dra. Laura Soares,

Por me mostrar a luz ao fundo do túnel. Por me fazer ver o caminho mais correto e me orientar para que chegue a bom porto. Por se mostrar sempre prestável e por todas as sugestões e acompanhamento. Pela partilha de conhecimento e pelos conselhos sensatos. Pelas horas dedicadas ao meu trabalho, por me fazer crescer cientificamente e por enriquecer o meu percurso académico.

À minha querida amiga, Fátima,

Pela amizade que vem de infância. Por acompanhar todas as etapas da minha vida, pela presença nas situações boas e naquelas em que tudo perde a cor. Por me estender a mão, por ouvir os meus lamentos e por respeitar todas as vezes que tive de abdicar de algo em prol da faculdade. Pelas noites e saídas que me fizeram desanuviar e por todos os momentos inesquecíveis.

Aos meus amigos de todas as horas,

(Que sabem quem são). Aqueles que a vida me deu, que estão comigo mesmo antes de entrar na faculdade e os que fui conhecendo. Obrigada pela amizade, pelos convívios maravilhosos e pelas conversas que terminaram de madrugada.

Aos meus colegas e amigos da faculdade,

Por tornarem todo este percurso menos doloroso. Por todas as visitas de campo, pelas viagens de comboio, pela partilha, pelas experiências e impressões trocadas. Por fazerem valer a pena cada segundo e por partilharmos experiências que ficarão para a vida.

Aos meus alunos,

Por permitirem que passasse da teoria à prática. Por todos os ensinamentos que lhes transmiti, mas também por aqueles que aprendi com eles. Pelo respeito, por todas as experiências, tarefas e projetos que, com dedicação, juntos desenvolvemos. Pela educação, mas também pelos laços que se foram estabelecendo.

A todos os professores que se cruzaram comigo ao longo destes cinco anos, à FLUP e a todos que lá trabalham. Aos que privaram comigo e que, direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para que este percurso fosse possível.

## Resumo

O ser humano é o principal responsável pelas mudanças ocorridas no 'espaço geográfico', contribuindo ativamente para a sua transformação. Para o compreender é necessário ter em consideração as várias correntes do pensamento geográfico, onde vários autores cooperaram para a construção deste conceito-chave para a Geografia. O território, o lugar, a região e a paisagem surgem acompanhados do espaço, sendo fundamentais para a compreensão das transformações ocorridas nele.

O presente trabalho aborda, mais pormenorizadamente o conceito de paisagem, uma vez que esta assume relativa importância no nosso quotidiano, refletindo tudo aquilo que os sentidos humanos são capazes de captar. Para a Geografia, este conceito torna-se mais abrangente por representar o natural e o cultural. É neste sentido que surge o conceito de paisagem-património, foco principal do presente trabalho, que pretende defender esta perspetiva como forma de promover o turismo sustentável. Se a paisagem é o reflexo entre as relações Homem-Natureza, a paisagem enquanto património assume uma perspetiva em que o foco principal é a relação entre os aspetos naturais e culturais, mas também o material e o imaterial. A paisagem-património surge da necessidade de reformular um conceito, cujo objetivo é compreender as práticas culturais em comunhão com as materialidades produzidas pelo ser humano e com as formas e dinâmicas da natureza, baseando-se em valores naturais e ecológicos, novas perspetivas ambientalistas, tendo por base novos pilares que valorizam o património e os seus elementos.

Para que este estudo fosse possível, partiu-se da pesquisa e revisão bibliográfica do tema, para a aplicação de exercícios e questionários a uma turma de 7º ano de escolaridade. Sendo o espaço, o objeto de estudo da Geografia, mas também onde ocorrem as transformações sociais, é fundamental avaliar a perceção dos alunos relativamente a estes temas que são estudados em contexto de sala de aula.

**Palavras-chave:** Espaço geográfico, paisagem, património.

## **Abstract**

The human being is the main responsible for the changes occurring in the geographic space, actively contributing to its transformation. To understand the geographic space it is necessary to take into account the various currents of geographic thought, where several authors cooperate in the construction of this key concept for Geography.

Territory, place, region, and landscape appear together with space, and are fundamental to the understanding of the transformations that take place in it.

This paper discusses in more detail the concept of landscape, since it assumes relative importance in our daily lives as it reflects everything that the human senses are able to capture. For Geography, this concept becomes more comprehensive by representing the natural and the cultural. It is in this sense that the concept of heritage-landscape arises, the main focus of this paper, which aims to defend this perspective as a way to promote sustainable tourism. If the landscape is the reflection between Man-Nature relations, the landscape as heritage takes a perspective in which the main focus is the relationship between natural and cultural aspects, but also the material and immaterial. Heritage-landscape arises from the need to reformulate a concept whose objective is to understand cultural practices in communion with the materialities produced by human beings and with the forms and dynamics of nature, based on natural and ecological values, new environmentalist perspectives, based on new pillars that value heritage and its elements.

For this study to be possible, we started from the research and bibliographic review of the theme, to the application of exercises and questionnaires to a 7th grade class. Being space the object of study of Geography, but also where social transformations occur, it is essential to evaluate the students' perception of these themes that are studied in the classroom context.

**Key-words:** Geographic space, landscape, heritage.



## Índice de Figuras

FIGURA 1 – PERSPETIVA INTEGRADA DA PAISAGEM ENQUANTO PATRIMÓNIO E “RECURSO” GEOCULTURAL ....	45
FIGURA 2 – ENQUADRAMENTO DA ÁREA DA ESJGZ.....	51
FIGURA 3 – PROJETO ORIGINAL DA ESJGZ.....	51
FIGURA 4 – O ‘ESPAÇO GEOGRÁFICO’ NO CONTEXTO DAS RESPOSTAS COMPLETAS DOS ALUNOS E O ‘ESPAÇO GEOGRÁFICO’ SALIENTANDO AS PALAVRAS MAIS FREQUENTES.....	68
FIGURA 5 – O ‘ESPAÇO DE VIVÊNCIA QUOTIDIANA’ NO CONTEXTO DAS RESPOSTAS COMPLETAS DOS ALUNOS E O ‘ESPAÇO DE VIVÊNCIA QUOTIDIANA’ SALIENTANDO AS PALAVRAS MAIS FREQUENTES .....	70
FIGURA 6 – DESCRIÇÃO DO ‘ESPAÇO DE VIVÊNCIA QUOTIDIANA’ NO CONTEXTO DAS RESPOSTAS COMPLETAS DOS ALUNOS E DESCRIÇÃO DO ESPAÇO DE ‘VIVÊNCIA QUOTIDIANA’ SALIENTANDO AS PALAVRAS MAIS FREQUENTES.....	72

## **Índice de Tabelas**

TABELA 1 – EFETIVO DE ALUNOS DA ESJGZ.....	52
TABELA 2 – ORGANIZAÇÃO DO ANO LETIVO NA ESJGZ.....	55
TABELA 3 – APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO 7º ANO DE ESCOLARIDADE .....	61

## Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – PROVENIÊNCIA DOS ALUNOS DO 7º3 DA ESJGZ .....	59
GRÁFICO 2 – FREQUÊNCIA DAS VIAGENS EFETUADAS PELOS ALUNOS, POR DESTINO E EM FUNÇÃO DO PERÍODO DE TEMPO .....	74
GRÁFICO 3 – PERCEÇÃO DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO .....	77
GRÁFICO 4 – PERCEÇÃO DOS ALUNOS RELATIVAMENTE AO POTENCIAL TURÍSTICO DO PATRIMÓNIO .....	80
GRÁFICO 5 – VIVÊNCIA DOS ALUNOS RELATIVAMENTE A ELEMENTOS QUE REMETEM PARA A PAISAGEM-PATRIMÓNIO .....	82

## Lista de abreviaturas e siglas

ABPJ .....	APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS
AE .....	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS
E@D.....	ENSINO À DISTÂNCIA
ESJGZ .....	ESCOLA SECUNDÁRIA JOÃO GONÇALVES ZARCO
FLUP .....	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
HGP.....	HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL
IPP .....	INICIAÇÃO À PRÁTICA PROFISSIONAL
JCETS-MOP .....	JUNTA DAS CONSTRUÇÕES PARA O ENSINO TÉCNICO E SECUNDÁRIO – MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
MC .....	METAS CURRICULARES
MEG .....	MESTRADO EM ENSINO DA GEOGRAFIA
OMT.....	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO
RAAG .....	REGIME DE AUTONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO
RE .....	RELATÓRIO DE ESTÁGIO
RNAP.....	REDE NACIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS
TIC .....	TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
TP .....	TRABALHO-PROJETO

## Introdução

A Geografia é uma ciência eclética que está presente no nosso dia a dia, permitindo perceber vários fenómenos que presenciamos no nosso quotidiano.

Com efeito, o espaço geográfico (ou espaço total)<sup>2</sup> é constituído por elementos naturais e humanos que se conjugam de forma diversificada, constituindo ‘paisagens’ entendidas como o ‘espaço visível’ ou ‘percebido’. Estas paisagens resultam de uma evolução que articula características físicas/ambientais com aspetos socioeconómicos e culturais, definindo territórios ‘apropriados’ ou ‘de poder’<sup>3</sup>, que o Homem foi alterando ao longo do tempo à medida das suas necessidades e em função do desenvolvimento dos seus conhecimentos e capacidade técnica (Domingues, 2001; Cabral, 2007; Nogué, 2008; Silva e Silva, 2012).

Mas independentemente da perspetiva integrada que a Geografia deve reafirmar, não há dúvida que, em termos do processo de ensino-aprendizagem, a diversidade de conteúdos que esta disciplina encerra implica abordagens temáticas específicas e ‘individualizadas’, sem que, no entanto, se perca a visão global de uma área científica que tem a sua maior valia precisamente no estudo da relação entre o meio e as populações que nele vivem e atuam. Como referem Soares, Pacheco e Lucas (2013, p.166), “(...) a paisagem atual constitui um «ponto de encontro» entre o natural e o cultural, resultando de um processo de consolidação na história, na qual meio e homem se relacionam construindo a sua memória”.

Neste sentido, a paisagem pode ser encarada como ‘património’, como uma herança legada por escalas de tempo muito distintas – a geológica e a histórica – responsáveis

---

<sup>2</sup> “(...) no espaço geográfico é possível depreender categorias como lugar, paisagem, região e território (...) O espaço, portanto, deve ser considerado como uma totalidade” (Von Dentz, Andreis e Rambo, 2016, pp. 52-53).

<sup>3</sup> “As categorias paisagem e território possuem uma relação bastante estreita. A paisagem, neste contexto, pode ser definida como uma unidade visível do território. Dito de outro modo, no território tem-se um conjunto de paisagens contidas nos limites político-administrativos, como por exemplo: cidade, estado e país.” (Giometti, Pitton e Ortigoza, 2012, p. 37)

pela biodiversidade e a geodiversidade<sup>4</sup> (património natural ou geopatrimónio), palco sobre o qual atuam as sociedades deixando as marcas da sua cultura (património cultural).

Se as ‘formas de relevo’ são um dos exemplos mais visíveis dos ‘elementos físicos da paisagem’, constituindo (geo)recursos que se incluem no conceito de geopatrimónio, sem os ‘recursos culturais’ que constituem os ‘elementos humanos da paisagem’, perde-se a visão integradora que a Geografia detém sobre o ‘espaço geográfico’. Assim, concordamos com Soares, Pacheco e Lucas (2013), quando falam da paisagem como ‘património geocultural’.

Este património, que de certa forma corresponde ao que Panizza (2003) designa como *integrated cultural landscapes*, pode ser encarado como um recurso endógeno de desenvolvimento associado ao turismo. Que, neste caso, poderia ser designada como ‘turismo geocultural’ ou de, de forma simplificada, ‘geoturismo’, um nicho turístico que assume na atualidade grande relevância e maior abrangência, já não direcionado apenas a um público especializado (e.g. geólogos e geomorfólogos) mas à população em geral, que procura disfrutar momentos de lazer usufruindo de recursos naturais e culturais impressos nas paisagens.

Estas perspetivas e conceitos, resultam da nossa reflexão em torno das Aprendizagens Essenciais (AE) da disciplina de Geografia do 7º ano de escolaridade, nível do 3º ciclo do Ensino Básico que nos foi atribuído no âmbito da Iniciação à Prática Profissional (IPP), do Mestrado em Ensino de Geografia (MEG) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Pretendendo associar a temática do nosso Relatório de Estágio (RE) com os conteúdos a lecionar, centramo-nos nos subtemas Descrição da Paisagem (do tema A terra: Estudos e representações) e Relevo (do tema Meio natural) das AE, mas numa

---

<sup>4</sup> De acordo com Rodrigues e Fonseca (2008, p.3), a geodiversidade pode ser definida como o “(...) conjunto dos elementos naturais (geológicos, geomorfológicos, pedológicos, hidrológicos, cénicos, etc.) existentes num determinado espaço, que são suporte físico da biodiversidade e de todas as atividades humanas”.

perspetiva de ensino-aprendizagem que privilegia a sua articulação com aspetos concretos do desenvolvimento socioeconómico e cultural do território. Daqui decorre a ligação, acima expressa, entre paisagem enquanto património geocultural, (geo)turismo e desenvolvimento/valorização territorial.

Assim, o nosso RE tem como objetivo geral analisar se a aprendizagem de conceitos associados aos subtemas Descrição da Paisagem e Relevância das Aprendizagens Essenciais do 7º ano de escolaridade pode ser potenciada, se a enquadrarmos numa perspetiva que encara o ‘espaço geográfico’ como um recurso de desenvolvimento endógeno associado ao Geoturismo.

Ou seja, pretende-se que os alunos apreendam conceitos associados aos elementos da ‘paisagem’ numa perspetiva integrada e aplicada, relacionando-a com o seu potencial de valorização territorial no contexto do (geo)turismo e numa perspetiva de desenvolvimento sustentável. Consideramos que esta orientação, associada a um modelo de Aprendizagem baseada em Projetos (ABPj) e explorando com os alunos ferramentas variadas das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), pode incentiva-los a estabelecer uma relação entre o espaço ‘concreto/vivido’ e os conteúdos programáticos, permitindo-lhes perceber que a Geografia está sempre presente no seu quotidiano.

Assim, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e caracterizar os conceitos definidos nas Aprendizagens Essenciais, relativamente aos subtemas em estudo;
- Relacionar os ‘elementos da paisagem’ com a sua utilização no âmbito do Geoturismo/Turismo geocultural, demonstrando o seu potencial como recurso de desenvolvimento endógeno;
- Avaliar a perceção dos alunos sobre o ‘espaço geográfico’;
- Analisar a forma como os alunos observam/compreendem os seus espaços de vivência;

- Verificar se os alunos conseguem estabelecer uma relação entre o espaço vivido e os conteúdos programáticos;
- Fornecer ferramentas aos alunos que lhes permitam explorar o espaço geográfico, tornando-os mais autónomos no que diz respeito ao uso das TIC.

A metodologia utilizada para concretizar os nossos objetivos, envolve uma sequência de fases de trabalho, desenvolvidas com alunos da Escola Secundária João Gonçalves Zarco (ESJGZ), onde teve lugar a nossa IPP. Previamente, para contextualizar conceptualmente o nosso estudo, procedemos à pesquisa e análise crítica de bibliografia centrada em aspetos específicos, relacionados quer com a abordagem dos temas alvo, quer com os métodos e ferramentas de ensino. A primeira fase concreta da nossa investigação-ação, envolveu a aplicação de um questionário preliminar aos estudantes para avaliar os seus pré-conceitos sobre o 'espaço geográfico'. Este questionário engloba uma série de perguntas que visam compreender: como observam e interpretam o seu 'espaço' de vivência quotidiana; a importância que atribuem ao conhecimento adquirido através de viagens que efetuam com fins turísticos; se esse conhecimento condiciona a sua aprendizagem dos conteúdos da disciplina de Geografia; se reconhecem o potencial da 'paisagem' enquanto património suscetível de potenciar o turismo e o desenvolvimento socioeconómico e cultural dos territórios.

A segunda fase prende-se com a construção de um Trabalho Projeto (TP), discutido em sala de aula com os alunos, centrado na elaboração de fichas-tipo sobre sítios de interesse geocultural, com o propósito de abordar 'os elementos da paisagem' na sua relação com a divulgação/preservação da paisagem enquanto património, relacionando-a com o (geo)turismo. No entanto, é importante referir que, face à interrupção das aulas presenciais devido à pandemia, o nosso projeto inicial teve de ser convertido num exercício simplificado, embora mantendo a orientação original.

Estes procedimentos metodológicos foram enquadrados nas sessões letivas de apresentação dos conteúdos teóricos, apoiadas na aplicação de ferramentas digitais



que podem ser utilizadas para explorar os temas visados: Google Earth, Street View e fontes documentais *online*.

De acordo com os nossos propósitos, estruturamos o nosso trabalho em 3 capítulos. O primeiro corresponde ao enquadramento concetual, visando a abordagem dos conceitos mais importantes associados à temática do RE. O segundo, é dedicado à apresentação do estudo de caso, assinalando-se as características principais da ESJGZ, as turmas lecionadas e a que constituiu a nossa amostra, terminando com a descrição dos procedimentos metodológicos. O último capítulo, centra-se na apresentação e análise dos resultados obtidos.

# 1. Enquadramento concetual

## 1.1. Conceitos-chave em Geografia: espaço, lugar, território, região e paisagem

### 1.1.1. O espaço Geográfico

A Geografia é a ciência que se debruça sobre o espaço geográfico ocupando-se “(...) dos estudos da transformação do espaço, das relações dialéticas e das mudanças que ocorrem no contexto mundial” (Silva e Silva, 2012, p.2). O que distingue a Geografia de outras ciências são as questões acerca da localização, estruturas e processos espaciais, sendo o seu maior desafio compreender a interligação entre a sociedade e a natureza (Giometti, *et al.*, 2012, p.34).

Para ser reconhecida como ciência, a Geografia necessita de dar resposta a três componentes fundamentais, sendo elas o objeto, o objetivo e o método. Os fenómenos que existem à superfície da Terra, assim como a relação entre o Homem e o Meio e a individualização com análise das regiões da Terra definem o espaço geográfico, que é entendido como o objeto de estudo da Geografia. Citando Andrade (1992, apud Dentz *et al.*, 2016, p.53), cabe

“(...) à geografia, estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social (...) devendo indicar caminhos à sociedade, nas formas de utilização da natureza”.

Posto isto, a Geografia terá como objetivo encontrar respostas para inúmeras questões/problemas colocados pela ciência e como método localizar, descrever, interpretar/compreender as relações recíprocas que se estabelecem entre o meio natural e o humano, na superfície terrestre.

Tido como um dos conceitos-chave da Geografia, o ‘espaço geográfico’ pode ser entendido como o espaço modificado pela ação do Homem, que se encontra em constante processo de transformação e construção, evoluindo a partir da modificação dos elementos naturais pelas práticas antrópicas. Existem vários conceitos de espaço

geográfico, variando conforme a abordagem e a corrente de pensamento que a defendem. Mas partindo do princípio que se trata do 'espaço total', ou seja, a categoria base que constitui a condição, meio e reflexo das relações humanas, remetendo para uma existência socioespacial.

Numa tentativa de resumir a concepção de espaço geográfico, Cabral (2007, p.147) defende que existem

“(...) três características que definem o “espaço geográfico”: 1) É sempre uma extensão fisicamente constituída, concreta, material, substantiva; 2) Compõe-se pela dialética entre a disposição das coisas e as ações ou práticas sociais; 3) A disposição das coisas e as ações ou práticas sociais tem uma coerência. “(...) o espaço deve ser concebido como algo que participa da condição do social e do físico, um misto, um híbrido.”

Milton Santos, no seu livro *A Natureza do Espaço* (2002), define o espaço geográfico como um conjunto formado por um sistema de ações e um sistema de objetos: “A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio coração da interpretação geográfica dos fenómenos sociais”. (ob.cit., p.61). Os objetos não podem ser separados das ações e, por isso, o autor descreve este conjunto como indissociável.

No conceito de espaço geográfico como objeto de estudo vemos implícita a ideia de articulação entre natureza e a sociedade, pelo que se torna necessário compreender que o 'espaço' está sujeito a alterações constantes e, por isso, “(...) deve ser entendido como uma totalidade dinâmica em que interagem fatores naturais, socioeconómicos e políticos.” (Giometti, *et al.*, 2012, p.34).

A partir da compreensão do espaço geográfico, podemos associar conceitos que nos auxiliam no seu estudo, mas que, apesar de se relacionarem, apresentam significados distintos. Do ponto de vista de Dentz, *et al.*. (2016, p.52), “(...) no espaço geográfico é possível depreender categorias como lugar, paisagem, região e território”, pelo que o espaço deve ser considerado como uma 'totalidade'.

O espaço geográfico é, assim, o espaço habitado, transformado e utilizado pelo ser humano, pelo que a sua compreensão é uma questão bastante complexa que envolve a apreensão e o domínio de vários conceitos. Como reafirmam Dentz *et al.*, (ob.cit., p.53), é “(...) irrelevante trabalhar as categorias de lugar, paisagem, região e território, desconexas do conceito de espaço geográfico (...)”.

### **1.1.2. O conceito de lugar**

O conceito de lugar é polissêmico e, tal como acontece com o espaço geográfico, entre os geógrafos não existe uma definição universalmente aceite, mas sim teorias que dependem da abordagem da corrente do pensamento geográfico defendida. Giometti, *et al.* (2012, p.35) entendem que “(...) lugar é diferente do espaço, posto que o primeiro é fechado, íntimo e humanizado, ao passo que o segundo seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla e desconhecida. Assim, o lugar está contido no espaço”.

O lugar é apreendido como o ‘espaço vivido’, ou seja, o local tal como o Homem o percebe, articulando-se a partir da relação ou compreensão que o Homem desenvolve no espaço geográfico, ou seja, o lugar é o espaço apropriado ou percebido pelas relações humanas. Giometti *et al.*, (ob. cit. ibidem), defendem que o lugar está contido no espaço e que são as pessoas que dão sentido ao lugar, afirmando que o “(...) lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referências afetivas desenvolvidas ao longo das nossas vidas. (...) O lugar encerra espaços com os quais os indivíduos têm vínculos afetivos, onde se encontram as referências pessoais (...)”. Assim, constrói-se a partir das relações espaciais quotidianas, concretas, próximas, palpáveis, acentuando os significados, afetividades e identidades.

Cada ser individual observa o mundo de forma específica, tendo em conta as suas vivências e experiências ao longo do tempo, ou seja, a visão do lugar não é tida de maneira direta ou racional, mas sim com base na compreensão humana e, muitas vezes, baseia-se nos valores afetivos ou de identidade. Silva e Silva (2012, p.6, apud Carlos, 1996), afirmam que o lugar está relacionado com a realidade à escala local ou

regional, podendo ser entendido como “(...) a parte do espaço geográfico, efetivamente apropriado para a vida, onde se desembocam as atividades cotidianas, a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”.

Mais uma vez recorrendo a Dentz *et al.* (2016, p.55) e referindo-se ao tratamento geográfico do mundo vivido:

“O lugar é o espaço do particular, estando presentes os elementos históricos, culturais e a identidade; revelando as especificidades. É no lugar que se materializam as contradições da globalização, que podemos observar as relações local-global, conforme as suas particularidades e as suas possibilidades.”

O espaço vivido é fundamental para compreender as relações entre o regional, o nacional e o global. Só conseguiremos compreender o mundo em que vivemos se soubermos interpretar o lugar. Assim, cada lugar apresenta características distintas que causam sensações e ligam as pessoas aos mesmos. “Em Geografia, significa compreender as relações que ali ocorrem inter-relacionando-as” (Silva e Silva, 2012, p.6). É conotado como uma área ou espaço que o ser humano identifica, atribuindo-lhe sensações e predicados, sejam eles afetivos ou não.

Carl Sauer é um dos principais responsáveis pela valorização do conceito de lugar. Este autor defende que a paisagem cultural<sup>5</sup> é quem define o estudo da Geografia e o sentido do lugar estaria intimamente relacionado com o significado de paisagem. Citando Holzer (1999, p.68), “(...) o estudo da Geografia para Sauer estava vinculado ao conceito de "paisagem cultural", no qual a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado". Depois do contributo de Sauer, o conceito de lugar passou a estar relacionado não com o local em si, mas com as impressões e sensações que o lugar proporciona, ganhando um certo valor afetivo. Na obra *Morfologia da Paisagem*, Carl Sauer,

---

<sup>5</sup> “Este conceito de paisagem cultural incorporava fortes elementos subjetivos, e esses elementos remetiam ao conceito de lugar, como se pode depreender da passagem seguinte: “A literatura da Geografia, (...), inicia-se como parte das primeiras sagas e mitos, vividas como o *sentido do lugar* e da luta do homem com a natureza.” (Sauer, 1983, apud Holzer, 1999, pág. 68).

“(…) tratou a paisagem numa perspectiva morfológica, tanto em aspetos naturais como em aspetos humanos. Para ele, a paisagem cultural representa, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas, mas nunca sai do seu caráter físico material” bastante influenciado pela forte influência do positivismo descritivo da época. (Schier, 2003, p.83).

### **1.1.3. O conceito de território**

O território é um dos principais e mais utilizados termos em Geografia, visto que está diretamente relacionado com os processos de construção e transformação do espaço geográfico. O conceito de território designa uma determinada porção do espaço geográfico delimitada por uma relação de posse, soberania ou poder. Tal como acontece com os conceitos anteriores, a sua definição varia consoante a corrente de pensamento ou abordagem que se realiza, mas a aceção mais comum é aquela que se relaciona com um espaço delimitado, ou seja, um espaço apropriado que nos remete para a designação de ‘espaço-poder’. Na análise do termo ‘território’, aspetos como a geologia, geomorfologia, hidrografia e recursos naturais não apresentam tanto destaque, uma vez que o conceito privilegia as relações de poder estabelecidas no espaço.

A conceção mais comum de território, para a Geografia, é a de divisão administrativa. Através das relações de poder são criadas fronteiras entre países, regiões, estados, municípios, bairros, ou seja, “(…) relações entre os agentes sociais, políticos e económicos, interferindo na gestão do espaço. Isto porque a delimitação do território está assentada nas relações de poder, domínio e apropriação nele contidas.” (Giometti *et al.*, 2012, p.37).

Friedrich Ratzel foi um dos pioneiros na elaboração e sistematização do conceito de território. Na sua abordagem, o território era visto como um espaço controlado por um grupo que lhe garante a sua subsistência, mais concretamente vinculado ao poder e domínio exercido pelo Estado de um determinado país. Suertegaray (2001, apud Dentz *et al.*, 2016, p.61) refere que:

“Sob o conceito de Território, tratamos o espaço geográfico a partir de uma concepção que privilegia o político ou a dominação-apropriação. Historicamente, o território na Geografia foi pensado, definido e delimitado a partir de relações de poder. No passado da Geografia, Ratzel (1899), ao tratar do território, vincula-o ao solo, enquanto espaço ocupado por uma determinada sociedade. A concepção clássica de território vincula-se ao domínio de uma determinada área, imprimindo uma perspectiva de análise centrada na identidade nacional. Afirmava Ratzel (1899), no que se refere ao Estado, a Geografia Política está desde há muito tempo habituada a considerar junto ao tamanho da população, o tamanho do território”.

Mas o conceito de território representa mais do que o Estado-Nação, porque qualquer espaço ‘definido e delimitado por e a partir de relações de poder’, é um território<sup>6</sup>. Se efetuarmos uma abordagem geopolítica, podemos afirmar que uma embaixada ou um consulado em países diferentes, seja considerado como parte de um território de outra nação. Para Cabral (2007, p.152), “(...) o território passou a ser entendido como espaço mobilizado como elemento decisivo às relações de poder (...) e territorialidade como estratégia(s) utilizada(s) para delimitar e afirmar o controle sobre uma área geográfica, ou seja, para estabelecer, manter e reforçar esse poder (...)”

Para Domingues (2011, p.57), o conceito de território remete-o para um “(...) espaço geográfico socialmente apropriado, regulado e construído” colocando a Geografia no “(...) campo sociológico, centrando a explicação do Território como produto/construção social, lugar de confronto, de tensões, de conflitos de uso e de apropriação e transformação.”

Este conceito torna-se bastante abrangente e permite explicar fenómenos geográficos relacionados com a organização da sociedade, bem como as suas interações com a paisagem.

#### **1.1.4. O conceito de região**

---

<sup>6</sup> Wagner Francisco (s/d). Texto disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/definicao-territorio.htm>. Acesso a 20-08-2021.

O conceito de região é mais uma das categorias-chave da Geografia, sendo um conceito bastante utilizado ao longo do tempo, já que se refere a uma unidade espacial, ou parte dela. A região é vista como o ‘espaço diferencial’ e surgiu da junção de grandes áreas, a partir de critérios de divisão regional do espaço. Segundo Dentz *et al* (2016, p.58)

“(…) a categoria região foi amplamente discutida pela escola francesa e está associada à noção de diferenciação e identificação de áreas, segundo critérios escolhidos. A sua etimologia remete a uma área sob determinado domínio ou área definida pela regularidade de propriedades que a definem”.

Citando Santos (1986) os mesmos autores (ob.cit., *ibidem*), salientam que “(…) na Geografia Tradicional a região remetia a recortes naturais ou dados pela paisagem. O método de análise era descritivo e limites regionais eram bem definidos por fronteiras.” Neste ponto de vista, os limites apresentavam características naturais como a geomorfologia, vegetação e clima, naturalmente presentes numa região natural, e também características humanas direcionadas para as questões sociais, económicas, políticas e sociais, que lhe conferem uma identidade interna.

Silva e Silva (2012, p.10-11) defendem que

“(…) as divisões regionais não são definitivas, assim como não pretendem apresentar a totalidade da diversidade espacial, mas sim, (...) contribuir para a compreensão de um problema, sendo um meio e não mais um produto. Neste contexto, a região é uma classe de área, fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios que justifiquem a sua importância para determinadas explicações.”

Nesta perspetiva, o conceito de região é uma ‘elaboração racional humana’, que visa compreender uma determinada área ou um aspeto particular que a integra.

Para Vidal La Blache, figura incontornável neste conceito-chave, os estudos regionais pormenorizados seriam responsáveis por uma melhor perspetiva sobre a compreensão do ‘espaço total’, através da soma de todas as partes, neste caso, de todas as regiões. Para este autor, a diversidade dos meios explicaria a diversidade dos géneros de vida, que ele própria apelidou.

Finalmente, Dentz *et al* (2016, p.58) enfatizam que



“(…) na Nova Geografia, a técnica estatística passa a revelar as regiões, que eram consideradas um conjunto de lugares onde as diferenças internas eram menores que as existentes noutro conjunto de lugares (…) Já no âmbito da Geografia Crítica e Humanista a região é considerada como uma das dimensões espaciais do processo desigual e combinado do capitalismo, devendo a região ser analisada a partir da caracterização desse processo, ou então, com ênfase na vertente historicista da Geografia, onde a região passou a ser considerada um espaço produto da história e da cultura.”

Atualmente, existem várias definições de região, pelo que não é fácil encontrar um consenso. No entanto, este continua a ser um conceito muito importante para os estudos referentes à compreensão do espaço geográfico.

#### **1.1.5. O conceito de Paisagem e as correntes do Pensamento Geográfico**

O termo paisagem, na sua aceção mais comum, corresponde ao espaço ‘visível’ e percecionado por todos os indivíduos, podendo ser encarado como o ‘palco’ onde se desenvolvem todas as atividades socioeconómicas e culturais. Ou seja, numa perspetiva geral (ou de senso comum), uma paisagem é tudo o que se pode observar em qualquer parte da superfície terrestre, conjugando a influência humana com aspetos naturais já existentes.

No entanto, o termo ‘paisagem’ e ‘espaço’ não são sinónimos. Do ponto de vista de Milton Santos (2006, p.66), “(…) a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e a natureza.” Em contrapartida, a natureza não é paisagem, mas a natureza compõe a paisagem. A paisagem é algo mais complexo, é a expressão visível e invisível – resultante das relações homem-meio: “(…) a paisagem pode ser identificada como natural mais a ação antrópica que modifica a morfologia desta paisagem e, como cultural, mais o vínculo estabelecido entre o Homem e o lugar.” (Dentz *et al*, 2016, p.56).

Para Santos (1986, apud Dentz *et al*, ob. cit., *ibidem*) a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as

“(...) heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o Homem e a Natureza (...) a paisagem é tudo o que é visível, o que a visão alcança, o que a vista abarca. É formada por cores, odores, sons e movimento. É o materializado de um instante da sociedade”.

Ainda assim, é necessária uma fundamentação mais criteriosa, para que este termo, um dos mais complexos da ciência geográfica, seja entendido claramente. Até porque constitui um conceito chave em Geografia - perspectivado de forma distinta no contexto dos paradigmas/correntes do pensamento que marcaram a evolução desta ciência<sup>7</sup> – que envolve uma “combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos” (Bertrand, 1972, apud Maximiniano, 2004, p.83).

De acordo com Silveira (2009, s/p) a paisagem “(...) na sua materialidade, surge juntamente com a formação do planeta, podendo desta forma ser estudada desde a Pré-história”. Com efeito o autor considera que os ‘primitivos habitantes da Terra’ tinham já uma noção de paisagem, ainda que sem um conhecimento conceptual, associado à observação do meio envolvente e sua representação através de pinturas rupestres, cujo legado é um património fundamental das nossas ‘memórias’ civilizacionais mais antigas.

Embora de uma forma completamente diferente, a (re)descoberta da paisagem através da pintura assume-se “(...) a partir do século XV, quando, através do Renascimento cultural, a pintura revela um novo interesse pela natureza, rompendo com a visão do mundo dominada por concepções teológicas” (Silveira, ob.cit, pág. 6). A partir desta altura, a paisagem deixa de ser vista como uma criação divina e passa a ter uma definição mais alargada. Sendo entendida como tudo aquilo que nos rodeia, abre caminho a uma nova forma de entendimento da natureza como espetáculo estético, quase que uma procura pela ‘paisagem/natureza ideal’, combinando o fictício com o real (Monteiro, 2016).

---

<sup>7</sup> “(...) a paisagem ser uma importante e dinâmica categoria no âmbito da Geografia, [adquiriu] interpretações próprias e particulares em conformidade com os paradigmas e teorias nas quais foi gerada” (von Dentz, Andreis e Rambo, 2016, p.58).

Seguindo esta linha de pensamento, Lavrador *et. al* (2017), defendem que a ligação do termo paisagem à pintura, no Renascimento, tinha o propósito de explorar novas técnicas relacionadas com a perspetiva, desempenhando quase um papel secundário na tela. Neste destaque inicial, associado à representação das formas de relevo, faltavam palavras para as caracterizar, sendo que a sua descrição ainda bastante primitiva.

No entanto, esta realidade rapidamente se foi modificando: “(...) com as correntes iluministas do século XVIII a paisagem autonomiza-se na pintura e na literatura e, só com o romantismo, no século XIX, a paisagem se impõe na pintura, na literatura, na ciência e na filosofia” (Lavrador *et al.* ob.cit., pág.176). É, então, nesta altura, que o conceito de paisagem se torna mais abrangente, ganhando uma dimensão polissémica, ou seja, é referido em várias ciências, mas principalmente pela Geografia. É, igualmente, nesta altura, que se desenvolvem os debates e as abordagens geográficas em torno da mesma: “(...) os conceitos de ‘paisagem’, ‘região’, ‘lugar’, ‘espaço’ e ‘território’ são exemplo de áreas privilegiadas pelos geógrafos na sua tarefa de conhecer e estudar a superfície da terra” (Salgueiro, 2001, p.40).

Ainda que com definições distintas, a paisagem ocupou sempre um lugar proeminente na Geografia. Foi evidenciada por Alexander von Humboldt, quando a Geografia se constituiu como disciplina científica na Alemanha (século XIX), assumindo-se a Escola Alemã como ‘ponto de viragem’ para os estudos referentes à paisagem dentro da Geografia, na altura designada de Geografia Moderna (Barbosa e Gonçalves, 2014). Tal como defendem Fialho *et al.* (2014, p.206), ainda que a Geografia “(...) remonte à Antiguidade Clássica (...) não havia uma unidade, de modo que, até o final do século XVIII, não é possível falar de conhecimento geográfico, como algo padronizado, com unidade mínima para ser considerada ciência”.

De acordo com Silveira (2009, p.6), Humboldt,

“(...) considerado pai da Geografia, utiliza o termo “paisagens naturais”, designando, assim, áreas homogêneas caracterizadas essencialmente pela morfologia do terreno e a cobertura vegetal que lhe conferia uma fisionomia própria. Os seus estudos concretizaram-se com viagens realizadas no final do século XVIII, quando por meio

do termo *Landschaft*, a noção de paisagem constituiu-se como categoria de análise”.

A Geografia de Humboldt, expressa na sua obra *Cosmos*, consolidou-se como uma ciência moderna, defendendo que a observação do território permite verificar que existe uma grande diversidade de paisagens, demonstrando interesse pela “(...) fisionomia e aspeto da vegetação, pelo clima, sua influência sobre os seres e o aspeto geral da paisagem, variável conforme a natureza do solo e sua cobertura vegetal” (Maximiniano, 2004, p.85). O seu percurso é marcado pela realização de inúmeras viagens, praticando a observação e descrição criteriosa da natureza através do trabalho de campo, que considerava fundamental para a compreensão da paisagem.

Também Carl Ritter, foi considerado um pioneiro na abordagem da Geografia enquanto ciência. Na sua *Geografia comparada*, Ritter transforma a Geografia numa “(...) ciência enciclopédica organizando o conhecimento sobre determinados países e regiões”, mas a paisagem não constituía o seu principal objeto de estudo, “(...) dedicando especial atenção às descrições e análises regionais (Schier, 2003, p.82).

Alexander von Humboldt e Carl Ritter foram pioneiros das correntes do pensamento geográfico sistematizado, sendo que

“o primeiro entende Geografia como uma síntese dos conhecimentos relativos à Terra e propõe a intuição com suporte na observação – o empirismo racionado; o outro compreende que a Geografia deveria estudar os “sistemas naturais” individuais e compará-los, na perspectiva do estudo dos lugares” (Lacoste, 1988, apud Fialho *et al.*, 2014, p.207).

Ainda no contexto da Escola Alemã, destaca-se Friederich Ratzel. Silveira (2009), considera que, conjuntamente com o *Cosmos* de Humboldt, a *Antropogeografia* de Ratzel é mais um exemplo de clássicos (...) onde o conceito de paisagem é inserido e foi utilizado como método de análise e entendimento da superfície terrestre.” Ambos defendiam que a Geografia deveria ser uma ciência de síntese, onde estão presentes vários elementos, incluindo ligações que ajudem a explicar a relação Homem-Natureza (Barbosa e Gonçalves, 2014).

No entanto, Ratzel tinha uma visão ‘determinista do meio físico’, ordenando-o em categorias ambientais “(...) a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral – e a sua influência sobre o homem” (Sauer, 1997, p.2). Como principal teórico do determinismo, defendia o argumento de que as condições naturais determinam o comportamento do Homem, interferindo na sua capacidade de progredir (Fialho *et al*, 2014). E retomando as palavras de Sauer, as categorias ambientalistas de Ratzel seriam ‘suavizadas’ “(...) pela substituição feita por Vidal de La Blache do determinismo original pelo ‘possibilismo’” (ob. cit, *ibidem*).

Mas as ideias de Ratzel, muito influenciadas pelo Darwinismo e por vezes evocadas para justificar as imposições do nacional-socialismo, nem sempre foram bem interpretadas. Seemann (2012, p.10-11) transcreve parte de um texto do geógrafo alemão, publicado em 1906:

“Não podemos fugir de certas influências do nosso ambiente, sobretudo daquelas que atuam sobre o nosso corpo; lembro-me daquelas [influências] do clima e da alimentação. É sabido que o espírito também está sobre a influência do caráter geral do cenário que nos cerca. Mas para outros esse grau de influência que essas [forças] exercem depende em grande medida da força de vontade que se opõe a elas. Podemos nos defender dela, contanto que o queiramos. Um rio grande que forma uma linha fronteira para um povo indolente não representa uma barreira para um povo determinado. Antes de Aníbal, os Pirineus e Alpes eram considerados muralhas fronteiriças quase impossíveis de superar para os povos que viviam ao sul e ao norte delas; mas diante de uma energia como a dele, essas dificuldades deixaram de ser insuperáveis. Assim se mede as influências, que estamos inclinados a atribuir às circunstâncias externas na história dos povos, na sua totalidade pela força da vontade pertencente a esses povos. Quanto mais forte e mais duro esse [povo], menores os impactos daqueles [efeitos da natureza]”.

Neste contexto, infere-se já a perspectiva de Paul Vidal de La Blache, contemporâneo de Ratzel, uma vez que admite a intervenção antrópica para superar as restrições do meio, encarando a Geografia não apenas como uma descrição da Terra, mas sim uma ‘ciência em movimento’. Com refere Schier (p.82), Ratzel

“(...) descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como o solo, os rios, etc., com os elementos móveis, em geral humanos. Na sua

abordagem, este distanciamento é importante porque inicia um processo de libertação cultural do meio natural, pela transferência de artefatos entre os povos, ou seja, pela migração destes, contrariando bastante a visão comumente propagada que Ratzel pode ser apontado como geo-determinista”.

No entanto, é Vidal de La Blache, considerado o fundador da escola regional francesa, que é reconhecido como ‘libertador’ do determinismo do meio. No seu trabalho geográfico, o conceito de paisagem assume a conotação de ‘região’, privilegiando nos seus estudos a inter-relação entre os elementos naturais e humanos. Em Fialho et. al. (2014, p.207) o possibilismo, fundamentado principalmente por P. V. de La Blache “(...) adotava a ideia de que a natureza fornecia possibilidades para que o Homem a modificasse sem necessariamente determinar comportamentos.”.

Citando Domingues (2001) e Claval (2010), Soares, Pacheco e Lucas (2013, p.158) consideram que, no quadro vidaliano, a paisagem é

“(...) encarada como uma síntese «entre as condições naturais (um conjunto de determinantes biofísicas) e a ação do homem organizado em sociedades portadoras de uma historicidade, de uma cultura, de uma evolução tecnológica», [revelando] um «género de vida» («genre de vie»), um conceito dinâmico assente em noções de «hábito» e «adaptação ao meio», encaradas como fatores de diferenciação das regiões/paisagens.”.

Com o avançar dos anos, o estudo da paisagem adquire uma nova dimensão, deixando de se focar, exclusivamente, na natureza e na história, para se centrar na influência que o ser humano exerce sobre a mesma. Salgueiro (2001, p.41) salienta que os estudos sobre a paisagem, de início “(...) muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às paisagens naturais, sem nunca perder de vista as interligações mútuas.” Nesta altura, a interferência humana é considerada fator primordial e determinante na transformação da paisagem.

No entanto, a paisagem assume uma postura de subalternidade na vigência da perspectiva neopositivista, sendo na Geografia “(...) substituída pelo conceito de «espaço» em associação com perspectivas quantitativas assentes na definição de

modelos preditivos da realidade, aqui como alternativa à subjetividade e à tendência descritiva, numa ótica que visa a descoberta de padrões/regularidades nas distribuições espaciais” (Soares, Pacheco e Lucas, 2013, p.159). A perspectiva neopositivista procura uma linguagem comum a todas as ciências e defende que todo o conhecimento assenta na experiência. O dualismo científico entre as ciências sociais e as ciências naturais é recusado e opõe-se a todos os fenómenos não verificáveis que sejam considerados metafísicos. A perspectiva neopositivista é substituída pelo conceito de ‘espaço’ em associação com perspectivas quantitativas assentes na definição de modelos (...) gerais e abstratos capazes de sintetizarem e predizerem a realidade (pretendendo afirmar-se como alternativa à subjetividade e à tendência descritiva, numa ótica que visa) a descoberta de regularidades nas distribuições espaciais... (Henriques, 2001/02, p.159).

Mas outras prioridades, como é o caso dos desafios ambientais, começam a emergir. E se a conjuntura foi favorável ao surgimento de uma ‘Nova Geografia’<sup>8</sup>, também se desenvolvem as chamadas ‘Correntes Radicais’<sup>9</sup>.

A Geografia Quantitativa, ou Nova Geografia, rege-se pelo comportamento espacial humano da estrutura espacial e da interação social. Algumas das suas principais características são a base do conhecimento através da experiência, recorrendo à lógica e defendendo os métodos científicos e matemáticos para a explicação de vários aspetos relacionados com o espaço geográfico. O conceito de natureza é alterado, passando esta a ser visto como um espaço hierarquizado, matemático e geométrico, cujo principal objetivo é gerar desenvolvimento económico através da sua exploração, ou seja, a natureza passa a ser vista como objeto.

Entre 1950 e 1970 deram-se, a nível mundial, grandes transformações que provocaram profundas alterações no pensamento científico das ciências sociais. A década de 1970

---

<sup>8</sup> Surgiu depois da 2ª Guerra Mundial. Apresenta uma necessidade maior em termos de rigor e verificação de hipóteses, assim como na explicação de fenómenos geográficos.

<sup>9</sup> Delas emerge o ‘território’ (...) como produto/construção social, lugar de confronto, de tensões, de conflitos, de uso e de apropriação e transformação (Domingues, 2001, p. 57). Um território heterogéneo, em que se marca a diferença, a fragmentação, o marginal, de onde emerge o multiculturalismo (Nogué, 2008).

torna-se a época da insatisfação para os cientistas sociais pelo que surgem duas grandes concepções da Geografia: a primeira foca-se nas relações entre sociedade e natureza e a segunda procura enfatizar o funcionamento de grupos humanos, tendo em conta uma lógica espacial. Nesta altura, é vivida uma época onde não existe apenas uma verdade absoluta, mas vários conceitos que se tentam afirmar. Nasce uma Geografia Quantitativa, no âmbito da análise espacial e numa linha Neopositivista. Ainda que se diferenciem em vários aspetos, ambas convergem para objetivos comuns, tal como defende Andrade (2009, p.30).

Ao longo do tempo, a paisagem foi adquirindo vários significados, passando da análise e interpretação de questões físicas presentes na natureza, até à junção do Homem no meio como parte integrante que tem a capacidade de modificar a paisagem. Este conceito é bastante complexo e, para ser compreendido, é necessário conjugar o passado e o presente, para que o futuro esteja assegurado. Atualmente, estudar a paisagem é, sem dúvida, um grande desafio para a Geografia pois é necessário ter em conta um legado social e histórico que foi construído ao longo do tempo.

A preocupação com a paisagem é cada vez mais uma realidade assim como o “(...) renascer do interesse pela paisagem o que se manifesta no crescimento do número de publicações, colóquios, seminários e associações sobre o tema, cujo alcance atinge e mobiliza o grande público.” (Salgueiro, 2001, p.43).

Para além dos estudos da ‘paisagem natural’<sup>10</sup>, também o conceito de ‘paisagem humanizada’<sup>11</sup> ganha destaque no sentido de combater os problemas ambientais provenientes de desequilíbrios. Esta, surge enquadrada no discurso de desenvolvimento sustentável, de planeamento e do ordenamento do território numa perspetiva mais ligada à ecologia e à busca de equilíbrios, em que é recuperada uma visão mais ‘naturalista’. Citando Moura e Simões (2010, p.185), o “(...) seu conceito hoje é muito utilizado dentro da Ecologia da Paisagem, que representa uma via para a

---

<sup>10</sup> Paisagens Naturais são aquelas em que a presença do Homem e a sua influência sobre o meio natural é inexistente ou pouco visível.

<sup>11</sup> Paisagens Humanizadas/Culturais são aquelas em que a presença do Homem é muito visível e significativa e o meio natural foi sendo alterado e adaptado às suas necessidades.



compreensão da realidade ambiental de forma científica, pois recorre a uma ampla variedade de métodos e técnicas dos mais diversos campos de estudo.”

Atualmente, os estudos relacionados com a paisagem baseiam-se na valorização do património cultural, para o qual são inclusivamente criadas leis e organismos específicos de proteção no quadro das ‘paisagens patrimoniais’, recuperando o interesse por preservar memórias e espólios.

## **1.2. A Paisagem como património e conceitos associados**

A discussão em torno do conceito de paisagem não é recente nem consensual. No entanto, todos os conceitos são válidos, dependendo da perspetiva de cada um de nós. Este conceito encobre vários significados uma vez que é estudado por distintas áreas/ciências, mas também devido aos vários paradigmas que o foram alterando ao longo do tempo, conferindo-lhe significados científicos com particularidades distintas. A paisagem é o reflexo físico e mental das interações entre a sociedade, a cultura e o seu ambiente natural. Ao longo dos anos tem-se evidenciado que as paisagens se encontram em constante alteração devido à interação Homem-Natureza, mas também a aspetos físicos, culturais e económicos, tal como comprovamos no capítulo anterior e como é possível constatar no resumo das várias abordagens das correntes do pensamento geográfico no artigo de Soares *et. al.* (2018, p.158/9), que citamos apesar da sua extensão:

“Este aspeto é particularmente notório se a análise se centrar nas nuances do conceito em Geografia, onde a paisagem se define como o objeto privilegiado de estudo: a) desde a sua valorização excecional no quadro Vidaliano encarada como uma síntese «entre as condições naturais (um conjunto de determinantes biofísicas) e a ação do homem organizado em sociedades portadoras de uma historicidade, de uma cultura, de uma evolução tecnológica» (DOMINGUES, 2001, p. 56). Uma paisagem que revela um «género de vida» («genre de vie»), um conceito dinâmico assente em noções de «hábito» e «adaptação ao meio», encaradas como fatores de diferenciação das regiões/paisagens (CLAVAL, 2010, p. 149). Ou seja, a paisagem seria o resultado da adaptação das comunidades ao meio, onde o hábito e as práticas instrumentais davam lugar à transmissão

de heranças culturais (NAME, 2010); b) passando pela perspectiva neopositivista, na qual é substituída pelo conceito de «espaço» em associação com perspectivas quantitativas assentes na definição de modelos preditivos da realidade, aqui como alternativa à subjetividade e à tendência descritiva, numa ótica que visa a descoberta de padrões/regularidades nas distribuições espaciais (HENRIQUES, 2001/02); c) ou pelas correntes radicais de que emerge o «território» como resultado de conflitos, tensões e recomposições de uso em processos de construção social (DOMINGUES, 2001). Um território heterogéneo, em que se marca a diferença, a fragmentação, o marginal, de onde emerge o multiculturalismo (NOGUÉ, 2008); d) até às novas perspectivas ambientalistas, nas quais a paisagem surge enquadrada no discurso do desenvolvimento sustentável, do planeamento e do ordenamento do território num exercício interpretativo mais ligado à ecologia e à busca de equilíbrios, recuperando uma visão mais «naturalista»; e) mas associada, igualmente, à valorização do património cultural, para o qual são criadas leis e organismos específicos de proteção no quadro das «paisagens patrimoniais», recuperando o interesse, por vezes nostálgico, da preservação de memórias e heranças.”

O património é tudo aquilo que pertence a uma ‘região’, ou seja, todos os bens intangíveis que apresentam um valor histórico e cultural. Desta forma, manifesta-se a vontade de garantir a sua preservação e continuidade para que as gerações vindouras possam conhecer a identidade do seu povo/região. Tal como afirma Martins (2006, s/p) “(...) o património é a herança de um povo na sua pluridimensionalidade, um conjunto de bens culturais, materiais ou imateriais que foram passando de geração em geração dentro de uma cultura que vai ser transmitida às gerações vindouras”.

O termo ‘património cultural’ foi utilizado pela primeira vez na Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Paris, 1962). Carvalho e Marques (2019, p.89) sustentam que a Convenção do Património Mundial, em 1992,

“(...) marcou uma nova visão do património, abrangente, diversificando as classificações distintas de bens naturais, com o reconhecimento da categoria de paisagens culturais. Nesta estavam incluídas as áreas de espécies ameaçadas ou não intervencionadas pelo homem - e de bens culturais – que integravam principalmente monumentos a preservar.”.

Tal como referem os mesmos autores (ob.cit., p.91) “(...) é na viragem do século XX para o século XXI, que aumenta o interesse pela paisagem como património cultural, fruto em parte da consciencialização das ameaças que a globalização pode trazer para

a identidade e diversidade local e regional.” Assim, o crescente interesse pelo estudo e preservação da paisagem em geral, atinge um marco inegável em 2000 com a Convenção Europeia da Paisagem, assinada em Florença, sendo o primeiro tratado internacional exclusivamente dedicado à paisagem<sup>12</sup>. A Convenção pretende promover a proteção, gestão e planeamento da paisagem definindo-a como “(...) uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos.”<sup>13</sup> (Carvalho e Marques, 2019, p.90).

Esta perspetiva de património cultural engloba três grandes grupos de interesse, estabelecidos pela Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural<sup>14</sup> sendo eles os monumentos (1), ou seja, obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos (2) que são os grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; e, por fim, os locais de interesse (3), sendo estes as obras do Homem, ou obras conjugadas do Homem e da Natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

No que diz respeito ao património natural, o Decreto-Lei nº 142/2008 de 24 de julho - define o regime jurídico da conservação da natureza e da biodiversidade<sup>15</sup> considerando que este património engloba um “(...) conjunto dos valores naturais com

---

<sup>12</sup> Disponível em:

[http://www.dgterritorio.pt/ordenamento\\_e\\_cidades/ordenamento\\_do\\_territorio/convencao\\_europeia\\_da\\_paisagem/](http://www.dgterritorio.pt/ordenamento_e_cidades/ordenamento_do_territorio/convencao_europeia_da_paisagem/). Consultado a 16-09-2021

<sup>13</sup> Disponível em: artigo 1 , alínea a), Decreto n.º 4/2005, Convenção Europeia da Paisagem, feita em Florença em 20 de Outubro de 2000 in [https://www.culturante.pt/fotos/editor2/2000-convencao\\_europeia\\_da\\_paisagemconselho\\_da\\_europa.pdf](https://www.culturante.pt/fotos/editor2/2000-convencao_europeia_da_paisagemconselho_da_europa.pdf). Consultado a 16-09-2021.

<sup>14</sup> Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoParaaProteccaoDoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf>. Consultado a 15-09-2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada-/lc/114449631/201608120200/diplomaExpandido>. Consultado a 15-09-2021

reconhecido interesse natural ou paisagístico, nomeadamente do ponto de vista científico, da conservação e estético, sendo os valores naturais definidos como (...) elementos da biodiversidade, paisagens, territórios, habitats ou geossítios.”

Por sua vez, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural<sup>16</sup> entende que fazem parte do património natural os monumentos naturais (1) constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico; as formações fisiológicas e fisiográficas (2) e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação; e os locais de interesse natural ou zonas naturais (3) estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural.

Mais recentemente, emerge uma vontade de reformular o conceito de paisagem, com base em valores naturais e ecológicos, novas perspetivas ambientalistas, alterando a forma como se observa a paisagem e tendo por base novos pilares que valorizam o património. Atualmente, defende-se um conceito de património que tende a incluir, não só monumentos ou bens isolados, mas também sítios e paisagens integradas, onde o ‘material’, o ‘imaterial’, o ‘natural’ e o ‘cultural’ se associam.

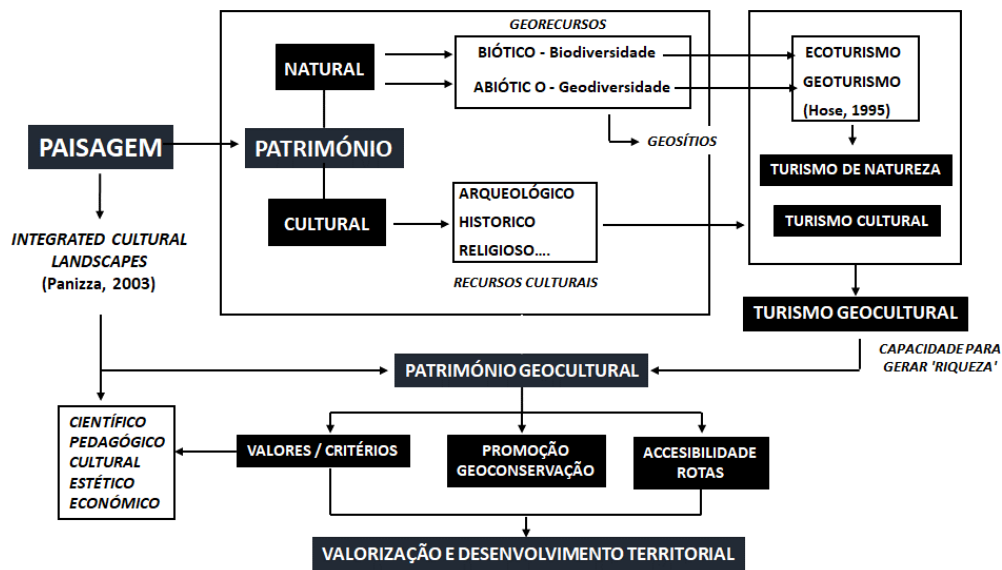
A figura 1 faz apelo à paisagem-património, encarada como um ‘recurso’ que pode ser potenciado através do turismo geocultural e vem defender todas estas perspetivas que serão explicadas de seguida.

---

<sup>16</sup> Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturaleNatural.pdf> . Consultado a 15-09-2021.

**Figura 1 – Perspetiva integrada da paisagem, enquanto património e “recurso” geocultural.**  
Adaptado de Soares *et al.*, 2013.



Atualmente deparamo-nos com três tendências principais no que diz respeito à análise da paisagem, nomeadamente a ecologia da paisagem, as paisagens culturais e, por fim, uma visão integrada que vai reunir as duas perspetivas anteriores.

A ecologia da paisagem é a ciência que estuda e pretende melhorar a relação entre os processos ecológicos no ambiente e nos ecossistemas. Tendo por base Domingues (2001, p.62) “a denominação Ecologia da Paisagem, remonta a 1939 ao biogeógrafo Troll (*Landschaft-tokologie*).” Soares *et al.* (2018, p.159), defende que a ecologia da paisagem privilegia a componente biofísica e os valores ambientais naturais, no domínio de estudo das Ciências da Terra (com áreas científicas como a Geografia Física, a Geologia ou a Biologia).

O ecoturismo, também designado de turismo ecológico ou turismo de natureza é um segmento turístico que utiliza de forma sustentável o património natural e cultural, incentivando a sua conservação tendo em vista o desenvolvimento de uma consciência ambiental, promovendo um equilíbrio entre o Homem e a natureza e, conseqüentemente o bem-estar da população. Domingues (2001, p.62) afirma que os princípios do ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável têm vindo a ganhar destaque, assim como os conceitos de biodiversidade, redes e corredores ecológicos,

sistemas naturais e unidades de paisagem. “A ecologia da paisagem tem como objetivo a análise funcional dos ecossistemas e a sua (...) recuperação (conservação da natureza, gestão de espaços em stress) atendendo aos diferentes tipos e graus de bloqueamento, desequilíbrio ou destruição, derivados da ocupação (...) do território.” (Domingues (2001, p.62).

Apesar de existirem diversas definições para o conceito de ecoturismo, é comum a todas elas o envolvimento das comunidades locais na sua prática, a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável<sup>17</sup>. A Organização Mundial do Turismo (OMT)<sup>18</sup> refere-se a este segmento do turismo como “(...) a observação e apreciação da natureza, de forma a contribuir para a sua preservação e minimizar os impactos negativos no meio ambiente natural e sociocultural onde se desenvolve. (OMT, 2002).

A segunda perspetiva de Soares et. al. (2018, p.159) enquadra-se com as paisagens culturais que apresentam ligações evidentes às Ciências Sociais e Humanas e ao conceito Paisagem-Património, na qual a paisagem é vista como o conteúdo geográfico de uma dada área, “(...) um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais [constituindo] uma herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano”. (Soares et. al, 2018, p.159).

É nesta perspetiva de paisagem como património que merecem destaque dois conceitos: o de Ecoturismo, que vem no decurso da biodiversidade, e o de Geoturismo que está mais associado à geodiversidade. O Geoturismo valoriza aspetos ambientais e culturais e assenta nos princípios do turismo sustentável<sup>19</sup>, promovendo a

---

<sup>17</sup> Tal como refere Silva Araújo (2005, pág. 18) “Em 1987, a Comissão Mundial das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento (UNWCED) apresentou o documento “O nosso futuro comum”, no qual o desenvolvimento sustentável é definido como um “desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das gerações futuras para satisfazer as suas próprias necessidades.”. É a partir daqui que o conceito de desenvolvimento sustentável passa a ficar cónito.

<sup>18</sup> [http://www.turismodeportugal.pt/pt/quem\\_somos/cooperacao-internacional/Paginas/organizacao-mundial-do-turismo-omt.aspx](http://www.turismodeportugal.pt/pt/quem_somos/cooperacao-internacional/Paginas/organizacao-mundial-do-turismo-omt.aspx) Consultado a 14-09-2021

<sup>19</sup> “Na Carta Europeia do Turismo Sustentável para as Áreas Protegidas, o turismo sustentável é definido como qualquer forma de desenvolvimento, equipamento ou atividade turística que respeite e preserve

geodiversidade e o património geológico do território. Soares et. al. (ob.cit., p.170) defende que este conceito surge devido ao potencial de uso do geopatrimónio, muito “(...) ligado ao Turismo da Natureza, mas que não pode ser separado do de Turismo Cultural, podendo, tanto um como qualquer outro, fazer parte de uma estratégia de conservação e de intervenção territorial sustentável.”. Na perspetiva de Moreira (2010, p.5),

“(...) o Geoturismo pode ser definido como um novo segmento de turismo em áreas naturais, realizado por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspetos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo esta a sua principal motivação na viagem.”

O Geoturismo está relacionado, portanto, com os recursos naturais muitas vezes negligenciados pelo ecoturismo (aspetos geológicos e geomorfológicos). Esta forma de turismo sustentável tornou-se um nicho turístico e tem vindo a assumir maior relevância na atualidade, interessando a população que procura a natureza para disfrutar de momentos de lazer.

O Geoturismo baseia-se no turismo de natureza e veio complementar o ecoturismo, divulgando e valorizando o património abiótico da paisagem, tal como os elementos geológicos e geomorfológicos, com o objetivo de dar a conhecer ao Homem a sua geodiversidade<sup>20</sup>, através da geoconservação<sup>21</sup> de todos os seus componentes. Ambos os conceitos pretendem conservar a natureza, com a particularidade de que o componente abiótico (geodiversidade) é tão importante quanto o biótico (biodiversidade).

---

a longo prazo os recursos naturais, culturais e sociais e que contribua de maneira positiva e equitativa para o desenvolvimento económico e bem-estar das pessoas que vivem, trabalham ou se encontram temporariamente nos espaços protegidos.” (Silva Araújo, 2005, pág. 18).

<sup>20</sup> A geodiversidade é considerada uma variedade/diversidade de elementos e de processos relacionados com os elementos abióticos da natureza, existentes no planeta, ou seja, a geodiversidade é a base para a existência de diversidade.

<sup>21</sup> A geoconservação tem como objetivo a caracterização, conservação e gestão do património geológico e de todos os processos naturais inerentes. O objetivo da geoconservação é preservar a geodiversidade, com o objetivo de manter a evolução natural dos aspetos geológicos e geomorfológicos.

A abordagem destes conceitos vai ao encontro do que Soares *et al.* (2018, p.159) defendem como sendo a terceira perspetiva de análise da paisagem que

“(...) engloba uma visão integrada que congrega as duas perspetivas anteriores, [considerando] uma vontade de reconstituir uma identidade e um enraizamento local, uma defesa de valores naturais e ecológicos, uma necessidade de qualificar o quadro de vida quotidiano, mas também (e, sobretudo, agora) de chamar a atenção sobre patrimónios e lugares excecionais.”

Neste contexto de paisagem-património encaixam-se, ainda, os geossítios<sup>22</sup> e os geoparques<sup>23</sup> que vêm valorizar aquilo que é tido como o geopatrimónio: “Os conceitos de “geoconservação” e “Geoturismo” encontram-se intimamente associados à ideia de geopatrimónio enquanto georecurso detentor de determinados valores, que potenciam o seu uso/exploração numa perspetiva de valorização da paisagem para o desenvolvimento territorial.” (Soares *et al.*, 2018, p.169). Ao proporcionar aos turistas uma visão contemplativa, mas, ao mesmo tempo, científica da paisagem, o Geoturismo vai possibilitar a promoção da geoconservação e esta, por sua vez, é tida como uma ferramenta indispensável na conservação e geodiversidade mundial, seja ela representada pelos geossítios ou pelo património geológico.

---

<sup>22</sup> Os geossítios são locais de interesse geológico com valor científico, estético, educacional ou económico que visam valorizar e conservar o património natural já existente

<sup>23</sup> Em Portugal, existem cinco geoparques. São áreas territoriais com limites claramente definidos, e que incluem um notável património geológico, associado a uma estratégia de desenvolvimento sustentável.



## 2. Enquadramento do estudo de caso

### 2.1. Caracterização da Escola Secundária João Gonçalves Zarco

Como referimos, a Escola Secundária João Gonçalves Zarco (ESJGZ), situada na Avenida Villagarcia d´Arosa, no concelho de Matosinhos, foi a instituição escolhida para a concretização da prática de ensino supervisionada (figura 2).

A escola insere-se num espaço amplo, mais concretamente numa área habitacional, relativamente perto da orla costeira. A proximidade com os transportes públicos, como é o caso do Metro e dos Autocarros dos STCP, torna-se uma mais valia na promoção da mobilidade sustentável. Além disto, a escola possui estacionamento próximos, gratuitos, que permitem que os utilizadores de veículo privado possam deslocar-se e estacionar em segurança.

Inaugurada em 1963, foi criada pelo Decreto n.º 40209 de 28 de junho de 1955, com a designação de Escola Industrial e Comercial de Matosinhos (figura 3)<sup>24</sup>, fazendo parte de “(...) um conjunto constituído por escolas destinadas ao ensino liceal e/ou técnico, construídas entre 1936 e 1968, de promoção do Ministério das Obras Públicas, através da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário (JCETS-MOP)”<sup>25</sup>.

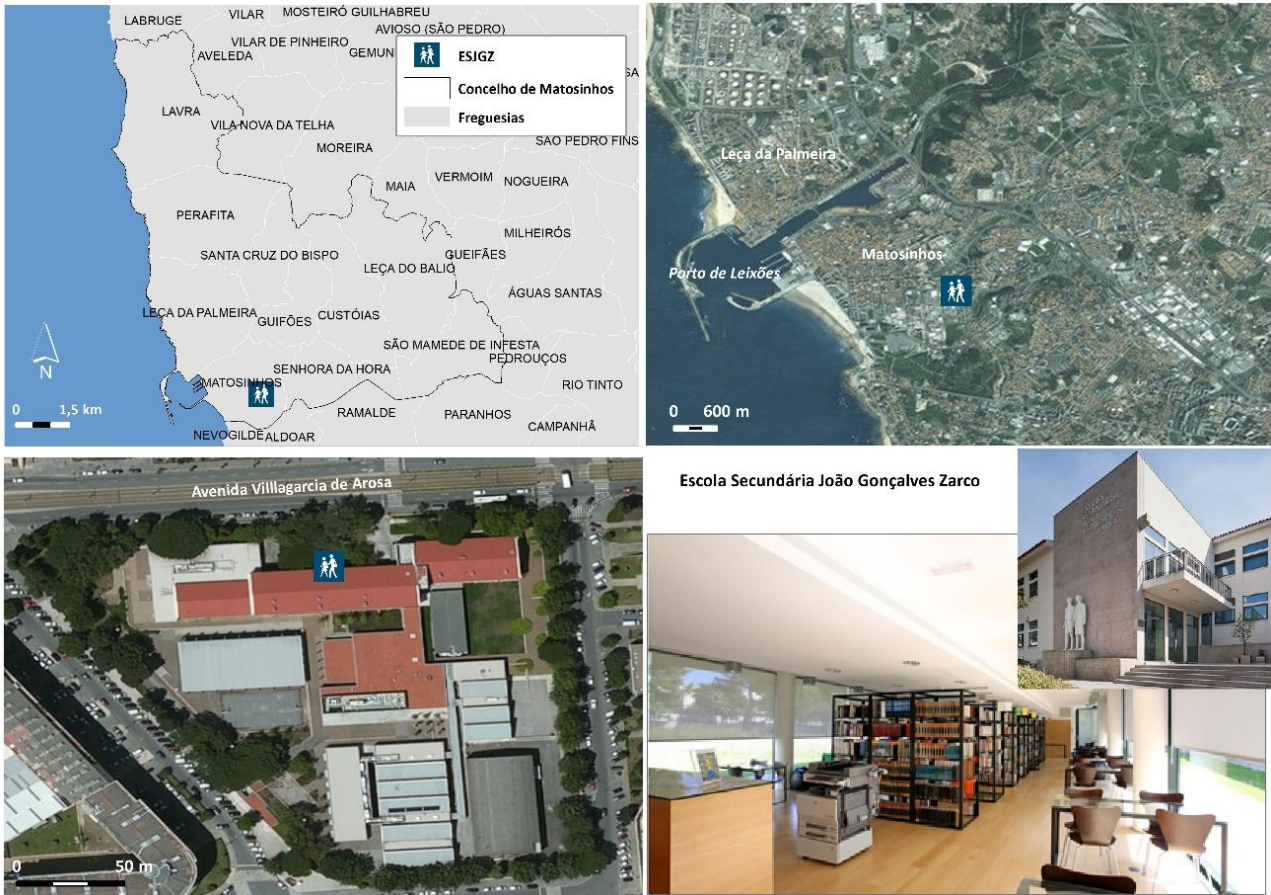
Em 1979 passa a ser intitulada Escola Secundária nº1 de Matosinhos, assumindo o seu nome atual em 1995. Submetida a um processo de requalificação em 2009, a ESJGZ apresenta-se como uma escola moderna e adaptada às exigências do ensino atual.

---

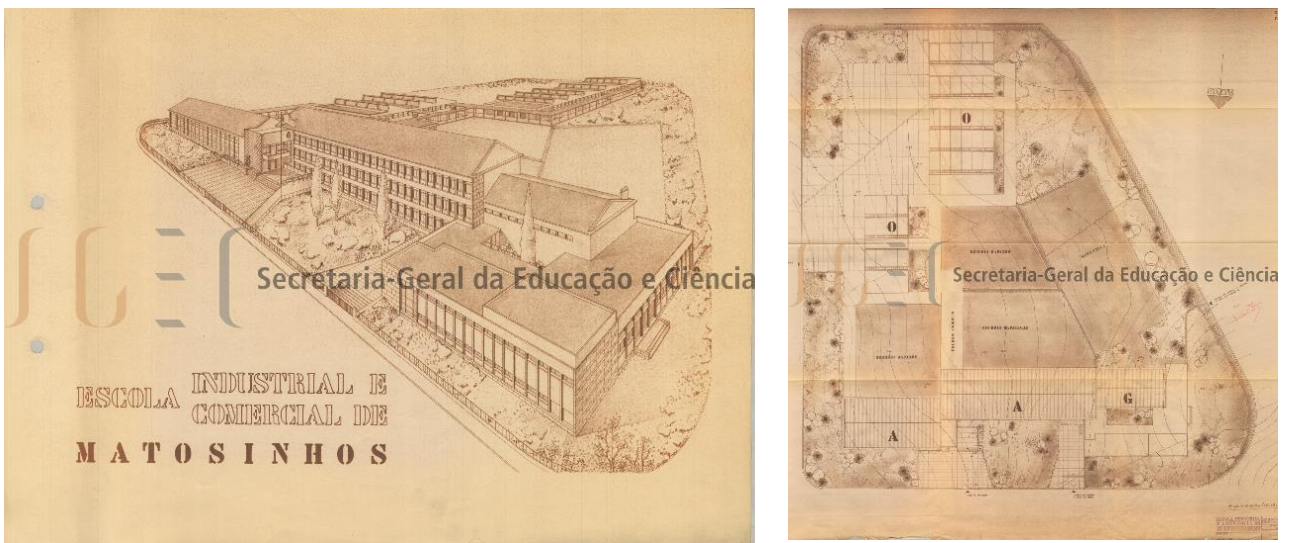
<sup>24</sup> . Para mais pormenores, designadamente sobre as peças escritas e desenhada do projeto, consultar <http://www.edumais.com/websites/websiteatlas/database/projeto.php?id=304>. Consultado a 15-04-2021.

<sup>25</sup> <https://parque-escolar.pt/pt/escola/012>. Consultado a 15-04-2021.

**Figura 2 – Enquadramento da área da ESJGZ. Fonte: CAOP, 2019; Google Earth**



**Figura 3 – Projeto original da ESJGZ.**



As alterações promovidas pela Parque Escolar, caracterizaram-se

“(…) pela remodelação das instalações existentes através de um reordenamento de compartimentação, pela aplicação de revestimentos interiores e exteriores que se enquadram nos novos parâmetros de exigência e qualidade, bem como pela intervenção da superestrutura, remodelação integral de infraestruturas elétricas e mecânicas, de telecomunicações, de águas e de esgotos. A intervenção incluiu ainda a construção de novos edifícios, que respondem às necessidades definidas no respetivo Programa Funcional, para alojar os espaços dos laboratórios, cantina e loja do aluno. O projeto incorporou também a intervenção integral dos arranjos exteriores da escola.”<sup>26</sup>

No âmbito da oferta formativa, a ESJGZ engloba o ensino regular do 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos), bem como os cursos científico-humanísticos associados ao Ensino Secundário, nas áreas das Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades (10º, 11º e 12º anos). Destacam-se ainda vários cursos do Ensino Profissional, designadamente Técnicos(as) de Informática, Desporto, Auxiliar de Saúde, Restaurante/Bar e de Ação Educativa. A ESJGZ apresenta um total de 1218 alunos, distribuídos pelo 3º ciclo do ensino básico, pelos cursos científico-humanísticos, bem como pelos mais variados cursos do ensino profissional (tabela 1).

**Tabela 1 – Efetivo de alunos da ESJGZ. Fonte: ESJGZ.**

<b>Escola Secundária João Gonçalves Zarco</b>	<b>Turmas</b>	<b>Nível</b>	<b>Total</b>
<b>Turmas Básico</b>	15	Alunos Básico	431
<b>Turmas Secundário</b>	20	Alunos Secundário	559
<b>Turmas Profissional</b>	13	Alunos Profissional	228
<b>Total</b>	48	Alunos Diurno	1218

---

<sup>26</sup> <https://parque-escolar.pt/pt/escola/012>. Consultado a 15-04-2021.

No que diz respeito ao corpo docente, a ESJGZ é composta por 160 professores do quadro, 11 contratados, 2 a aguardar colocação e 2 de ensino especial. Esta informação reflete, de certa forma, a realidade das escolas do norte do país, que apresentam um corpo docente envelhecido, mas em que se mantém difícil a entrada de novos professores. No que concerne ao pessoal não docente, a escola abrange 24 operacionais, 12 técnicos, 6 técnicos superiores, sendo que um deles se trata de uma psicóloga e, por fim, 2 psicólogos pertencentes ao Centro Qualifica.

O seu Projeto Educativo<sup>27</sup> mostra-se bastante ambicioso, assentando em valores cruciais como a liberdade, o humanismo, a igualdade, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, a cidadania, a equidade e justiça, autonomia, responsabilidade, espírito crítico, criatividade e inovação.

Tal como referido no seu *website*, a ESJGZ tem por missão prestar “(...) à comunidade um serviço público de qualidade, proporcionando aos estudantes a aquisição e certificação de competências científicas, técnicas e comportamentais que lhes permitam assumir, com sucesso, num cenário de um mundo em mudança, um papel social e profissionalmente ativo.”<sup>28</sup>

Segundo o seu Regulamento Interno (2018-2022), as normas e procedimentos aplicados na escola baseiam-se em três documentos fulcrais, nomeadamente a Constituição da República Portuguesa, a Lei de Bases do Sistema Educativo e no Regime de Autonomia, Administração e Gestão (RAAG) dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, visando o cumprimento das metas previstas no Projeto Educativo da escola.

A escola criou o conceito de “Perfil do Aluno Zarco” que, no fundo, se apresenta como um documento de incentivo que caracteriza e motiva os alunos, patenteando as características que cada aluno deve obter na sua educação, defendendo valores tais como a capacidade de ser um aluno/cidadão dinâmico e determinado, criativo e

---

<sup>27</sup> . Disponível em <https://www.zarco.pt/site/index.php/documentos-orientadores/>. Consultado a 15-04-2021.

<sup>28</sup> . <https://www.zarco.pt/site/index.php/instituicao/>. Consultado a 15-04-2021.

crítico, inovador e empreendedor. Neste sentido, a escola assume um papel fulcral nesta passagem de testemunho no que concerne à moldagem de comportamentos e atitudes, essencialmente a transmissão de potencial aos alunos, bem como a vontade de possuírem um papel social ativo não só em sociedade, mas também num mundo que se mostra cada vez mais desafiante e em constante mutação.

Assim, a escola pretende formar alunos de excelência, de referência e com um percurso de sucesso. Para a concretização destes ideais, A ESJGZ rege-se por uma série de objetivos gerais, que citamos:

- “1. Melhorar os resultados escolares dos alunos, qualificando as aprendizagens e desenvolvendo competências em literacias.
2. Promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, contribuindo para uma cidadania ativa, formando cidadãos críticos, criativos, empreendedores, intervenientes, solidários e autónomos.
3. Reforçar o envolvimento e participação de alunos e de pais e encarregados de educação na vida da Escola.
4. Reforçar a imagem da ESJGZ na comunidade local e nacional, como uma instituição de referência e de qualidade, promovendo, também, a sua internacionalização.
5. Promover a formação e atualização científica e pedagógica permanente de todos os atores educativos considerando, também, a participação em projetos transnacionais.
6. Proceder a uma sistemática avaliação das práticas, recorrendo a metodologias participativas, garantindo a contextualização das análises e dos resultados.”  
(Projeto Educativo, 2018-2022, p.8).

De acordo com as brochuras que caracterizam a sua oferta formativa ao nível do 3º ciclo do Ensino Básico e dos cursos científico-humanísticos do Ensino Secundário<sup>29</sup>, alguns dos objetivos expressos refletem-se em taxas globais de sucesso escolar que, em 2019-2020, corresponderam a 96%, ou seja, três pontos percentuais acima da média nacional. Da mesma forma, as médias obtidas nas provas finais de 9º ano e nos exames nacionais de 12º ano a várias disciplinas, (no mesmo ano letivo de referência),

---

<sup>29</sup> <https://ensino.basico.zarco.pt/ensino-e-basico>; <https://ensino.secundario.zarco.pt/ensino-e-secundario>. Consultado a 15-04-2021.

ultrapassam globalmente os resultados a nível nacional. Perante este contexto, refira-se, ainda, que esta instituição de ensino se encontra classificada em 8º lugar no *ranking* nacional de escolas.

## 2.2. Contexto educativo

### 2.2.1. Organização das sessões letivas e não letivas e

A ESJGZ funciona em regime semestral. Ou seja, o ano letivo de 2020/2021, que corresponde ao período de tempo em que efetuamos o nosso estágio curricular, encontra-se dividido em dois semestres, cada um dos quais abrangendo dois períodos, de acordo com o esquema apresentado na tabela 2.

**Tabela 2 – Organização do ano letivo na ESJGZ.**

Semestre	Período	Início	Fim
1º Semestre	1º Período	17 de setembro de 2020	11 de novembro de 2020
	2º Período	16 de novembro de 2020	29 de janeiro de 2021
2º Semestre	3º Período	3 de fevereiro de 2021	16 de abril de 2021
	4º Período	19 de abril de 2021	18 de junho de 2021

O regime semestral implica a existência de um período de tempo em que os alunos não têm Geografia, uma vez que só têm a disciplina durante metade de cada semestre. Ou seja, durante o intervalo de tempo que não têm Geografia, os alunos encontram-se a assistir às aulas da disciplina de História. Tal implica que o horário da disciplina de

Geografia corresponda a 5 blocos de 50 minutos por semana, organizados em uma aula de 50 minutos e duas aulas de 100 minutos.

Durante o ano escolar, procuramos cumprir e desenvolver várias atividades, para além do que seria esperado na disciplina de IPP. Destacamos, sobretudo, a possibilidade de assistir a 75 blocos letivos de Geografia, lecionados não só pela supervisora cooperante - a Dra. Marina Vicente -, mas também por outros colegas estagiários.

Complementarmente, assistimos ainda a algumas aulas de Cidadania e Desenvolvimento, com o objetivo de perceber a dinâmica desta disciplina, ministradas frequentemente por docentes de Geografia. Mas o contacto mais realista e motivador, foi, sem dúvida, a lecionação de 36 blocos da disciplina de Geografia, que se traduziram em várias horas repartidas pelas cinco turmas de 7º ano de escolaridade que acompanhamos.

No entanto, o ano letivo de 2020/2021 foi bastante atípico e marcado pela incerteza, dado o contexto pandémico marcado pelo Covid-19. Obviamente que a pandemia veio alterar o ensino, tal como o conhecíamos, ou seja, baseado num regime presencial, implicando que todos os professores tivessem de reinventar as suas práticas. Esta foi uma realidade da qual fizemos parte, assistindo e lecionando várias aulas em regime de ensino à distância (E@D). Sendo que a conjuntura nos levou a lecionar aulas atrás de um computador, rapidamente procuramos inovar e encontrar métodos apelativos que cumprissem o seu papel - o de ensinar. Tudo isto foi uma experiência diferente/inovadora que nos colocou num patamar até então impensável e que nos obrigou a repensar estratégias de ensino, bem como a familiarização e adaptação a novas plataformas, como foi o caso do *Google Meet* e do *Google Classroom*, com os quais trabalhámos diariamente.

O E@D veio alterar a dinâmica da aplicação dos exercícios práticos/procedimentos metodológicos, necessários à concretização deste relatório de estágio. Primeiramente, sentimos a necessidade de contextualizar e clarificar alguns conceitos básicos, antes da aplicação de um questionário inicial, aplicado *online*. Uma vez que só podíamos lecionar metade do tempo da aula, acabou por se mostrar um método 'agridoce' porque nem sempre era possível ter o *feedback* pretendido por parte dos alunos,

assim como a logística de esclarecer dúvidas se tornava bastante mais complexa. Uma das desvantagens inerente ao E@D prende-se com o facto dos alunos se retraírem no que diz respeito à exposição dessas dúvidas, mas também por, frequentemente, não ligarem as câmaras. Esta é uma realidade que prejudica bastante a aprendizagem, pois dificulta a interação.

O mesmo aconteceu com a segunda fase do nosso trabalho, a criação das fichas-tipo, que tiveram de ser reformuladas/simplificadas de maneira a contornar o problema pandémico (que inviabilizou a aplicação da Aprendizagem Baseada em Projetos), e para ficarem mais acessíveis aos alunos. Neste exercício, um dos objetivos prendia-se com o fornecimento de ferramentas aos alunos que lhes permitissem explorar o espaço geográfico, tornando-os mais autónomos no que diz respeito ao uso das TIC. Este foi, sem dúvida, o maior desafio que vivenciamos, pois não é fácil dar a conhecer novas plataformas atrás de um ecrã e sem a possibilidade de acompanhar cada aluno individualmente, ouvindo as suas dúvidas e exemplificando de forma mais detalhada aquilo que lhes é pedido.

Sentimos falta de fazer um acompanhamento mais personalizado, tendo por base cada aluno e as suas fragilidades. Também por isso nos vimos obrigadas a simplificar o exercício inicialmente pensado, recorrendo a plataformas mais acessíveis e apelativas, ainda que todos os alunos tenham ficado com bases para funcionar com algumas ferramentas digitais, como é o caso do *Google Earth*.

Já no caso da aplicação do último questionário, este não sofreu qualquer tipo de alteração face à projeção inicial pois foi já realizado em regime presencial, sendo muito mais fácil fazer face a todas as questões e dúvidas colocadas pelos alunos.

Por fim, é igualmente pertinente referir que nos foi dada a possibilidade de assistir a reuniões de avaliação de várias turmas. Presenciar estas reuniões e ouvir debates dos conselhos de turma foram experiências bastante positivas e enriquecedoras, uma vez que nos colocaram num patamar bastante próximo daquilo que é a realidade de um docente no exercício das suas funções.



### **2.2.2. Caraterização das turmas**

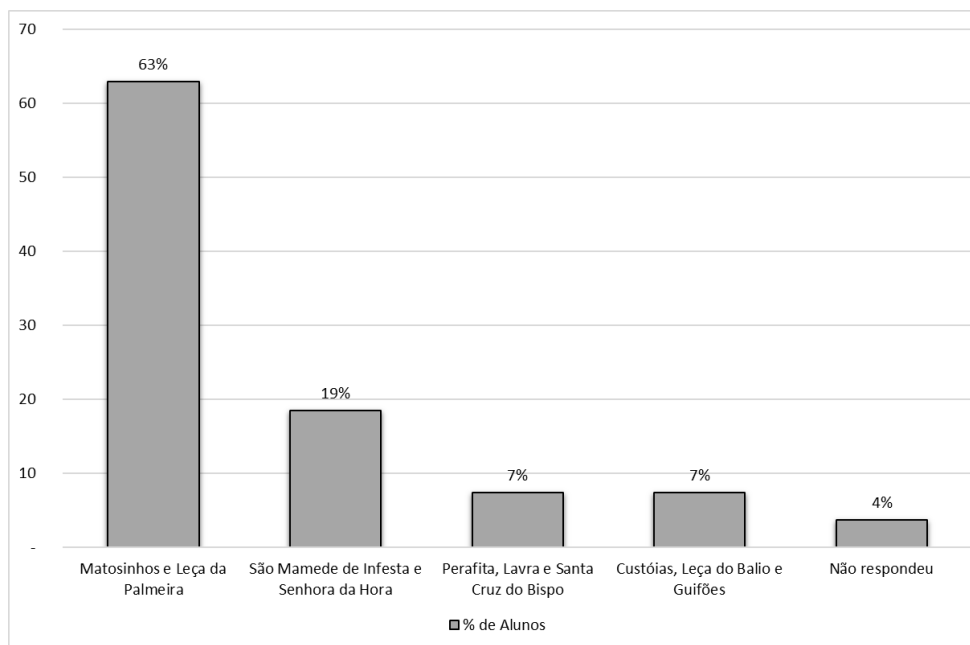
Foi com grande otimismo e entusiasmo que iniciamos o ano letivo que constituía mais um passo na nossa formação inicial de docente. Pese a ansiedade, sentíamos motivação para enfrentar todos os desafios desta nova função, aliada à convicção de que poderíamos desempenhar, com a competência necessária, uma profissão tão nobre como a de professor(a).

Definido o trabalho com cinco turmas de 7º ano de escolaridade (como já referimos), o esquema de lecionação envolveu blocos repartidos por todas as turmas, permitindo-nos, dado apresentarem caraterísticas distintas, o confronto com diferentes realidades.

No entanto, a componente empírica do presente relatório teve como população-alvo apenas uma das cinco turmas atribuídas à nossa orientadora cooperante, neste caso a turma três do 7º ano. Assim, a nossa amostra contou com um total de 27 alunos, sendo 14 raparigas e 13 rapazes, que, no seu conjunto apresentam uma média de idades de 13 anos.

O 7º3, comparando com as restantes turmas, é uma turma considerada bastante assertiva. Os alunos mostram-se empenhados e interessados durante as aulas, manifestando vontade de saber e conhecer os conteúdos de forma bastante detalhada. A dinâmica da turma verifica-se diariamente, com as várias questões que colocam, intervindo e contribuindo de forma positiva para o desenrolar da aula. É uma turma que não se limita ao que é pedido, procurando complementar sempre o seu trabalho com informações necessárias e pertinentes. A acrescentar a isto, é notório o seu entusiasmo e dedicação a todas as tarefas que lhes são propostas, realizando-as com brio e satisfação. Os seus resultados são, genericamente, bastante positivos, não só no trabalho quotidiano mas também nos resultados obtidos no final do semestre. A contribuição destes 27 alunos para o sucesso deste relatório de estágio, é apenas mais um exemplo da dedicação que sempre demonstraram em contexto de sala de aula.

A Escola Secundária Gonçalves Zarco situa-se no concelho de Matosinhos, pelo que seria expectável que a maioria do universo dos nossos alunos ‘alvo’ aqui residissem. O município de Matosinhos, devido à união de freguesias que aconteceu em 2013, subdivide-se atualmente em quatro freguesias, nomeadamente: Custóias, Leça do Balio e Guifões; Matosinhos e Leça da Palmeira; Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo; São Mamede de Infesta e Senhora da Hora. Constata-se que o universo dos alunos provém de diferentes localidades da cidade de Matosinhos, nomeadamente algumas freguesias que lhe pertencem, sendo que a maioria se concentra na sede concelhia (gráfico 1).



**Gráfico 1 – Proveniência dos alunos do 7º3 da ESJGZ.**

## **2.3. Contexto metodológico**

### **2.3.1. As aprendizagens essenciais associadas ao tema em estudo e os recursos pedagógicos**

O universo de alunos utilizados nesta amostra, frequenta a ESJGZ pela primeira vez no presente ano letivo, uma vez que a escola engloba apenas o 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Sendo uma turma nova, grande parte dos alunos não se

conheciam, da mesma forma que os professores tentavam perceber a sua dinâmica, ou seja, não existiam ideias predefinidas de como poderia ser trabalhar com esta turma. A acrescentar a isto, é de referir que, neste nível, a Geografia surge pela primeira vez como uma disciplina independente, uma vez que no 2º ciclo era abordada no contexto da História e Geografia de Portugal.

Os conteúdos de Geografia a lecionar encontram-se definidos nas AE, documento normativo e de orientação dos professores, que substituíram as anteriores Metas Curriculares (MC).

De acordo com Portela, as AE

“(...) identificam os conhecimentos, capacidades e atitudes estruturantes, baseando-se no programa e metas em vigor, tendo sido formuladas de modo a:

- Desenvolver, nos alunos, o raciocínio e a capacidade de resolver problemas;
- Estimular a autonomia e o desenvolvimento pessoal dos alunos;
- Promover o desenvolvimento de um ensino mais prático;
- Promover a ligação com as áreas de competências previstas no perfil do aluno”.

Ou seja, as AE retiveram as ideias estruturantes das MC, mas definindo os conteúdos programáticos e os respetivos conceitos de forma mais clara, o que, associado ao processo de Autonomia e Flexibilidade Curricular, permite aos professores planificar as suas aulas de uma forma que vai ao encontro das necessidades educativas específicas das escolas e alunos.

As AE da disciplina de Geografia, no 7º ano de escolaridade, estão organizadas tal como indicado na tabela 3.

Tabela 3 - Aprendizagens Essenciais da disciplina de Geografia no 7º ano de escolaridade.

Ano	Temas	Conteúdo	Conceitos lecionados no âmbito do RE
<b>Geografia - 7º ano</b>	<b>Tema 1</b> <i>A Terra: Estudos e Representações</i>	<b>Unidade 1.1.</b> Descrição da Paisagem.	- Paisagem; - Elementos da Paisagem; - Multifuncionalidade da paisagem.
		<b>Unidade 1.2.</b> Mapas como forma de representar a superfície terrestre.	
		<b>Unidade 1.3.</b> Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.	
	<b>Tema 2</b> <i>Meio Natural</i>	<b>Unidade 2.1.</b> Clima e Formações Vegetais.	
		<b>Unidade 2.2.</b> Relevo.	- Formas de relevo: planície, colina, planalto, montanha, cordilheira e vale; - Formas de relevo fluviais, do litoral e fluvio-marinhas.

Fonte: Ministério da Educação. *Aprendizagens Essenciais de Geografia. 7º ano, 3º ciclo do Ensino Básico, julho de 2018.*

Como já referimos, o nosso RE incide sobre a Descrição da Paisagem (Unidade 1.1.) e o Relevo (Unidade 2.2.), que integram o 1º e 2º volume do manual “Fazer Geografia 3.0” (Gomes *et al.*, 2019), adotado na ESJGZ. Este manual é acompanhado por um caderno de atividades, que visa complementar as questões mais práticas.

As nossas aulas foram planeadas de acordo com o tempo necessário à leção dos conteúdos, mas contemplando igualmente os exercícios e atividades de recolha de informação para o presente estudo.

Procuramos diversificar os materiais e recursos a utilizar na prática educativa, com vista a potenciar a aprendizagem dos alunos, pelo que, para além dos mais tradicionais - entenda-se o manual escolar e as apresentações visuais como é o caso do *PowerPoint* –, utilizamos a *Escola Virtual* e softwares/aplicações como é o caso do *Google Earth*, *Google Maps*, *Street View* ou mesmo o *ArcGis Online*.

Para complementar as aulas com conteúdos e estratégias mais diretamente relacionados com a ‘paisagem-património’, procedemos também à visualização de vídeos, exploração de *websites* específicos (e.g. *UNESCO Global Geoparks*, *UNESCO World Heritage List*) e à realização de trabalhos de grupo, entre outros.

Sendo que a Geografia é uma ciência bastante visual, no universo dos alunos em estudo, resultou bastante bem a utilização de *PowerPoints* durante as aulas, pois é uma ferramenta que permite agrupar e conciliar outros recursos necessários à aula como é o caso de sites informativos, vídeos, jogos, documentos complementares para análise, mapas, imagens, entre outros recursos. Este tipo de instrumento acaba por se tornar uma espécie de guião da aula, onde é possível concentrar bastante informação e, ainda assim, tornar as aulas atrativas pois tudo depende da forma como o *PowerPoint* é construído e da maneira como a informação esse encontra organizada.

Dependendo da matéria a lecionar, os recursos e materiais devem sempre ser ponderados com vista a tornar as aulas mais motivadoras. Uma vez que a nossa amostra era constituída por alunos que apresentam uma média de 13 anos de idade, fazendo parte da Geração Z (*zoomer’s*), tentamos utilizar frequentemente as TIC, aproximando os alunos das suas práticas quotidianas. Como menciona Tapscott

(2010), os alunos desta faixa etária são ‘nativos digitais’ que procuram constantemente informação *online* através do entretenimento e experiências interativas constantes, mantendo-se em quase permanente ligação à internet e ao contacto com a tecnologia.

Atendendo ao facto de ser uma turma de 7º ano, é de realçar que estamos a dar a conhecer esta ciência secular aos alunos, criando assim um primeiro contacto com uma disciplina que lhes irá oferecer variadíssimas oportunidades para conhecerem e interpretarem os fenómenos que ocorrem ao seu redor. Tendo em conta esta realidade, acresce o facto de ser necessário ter em consideração que existem vários temas e conceitos que ainda não lhes são familiares.

Além da conjugação de métodos tradicionais com as novas tecnologias, mostrou-se imprescindível a introdução e contextualização, de forma simplificada, do tema *Atividades económicas* do 8º ano de escolaridade, mais concretamente o subtema *Setor III (Terciário)*, com maior incidência nas questões turísticas.

Esta articulação de conteúdos de 7º e 8º ano de escolaridade era fulcral e indispensável ao nosso RE, pois pretendia-se fazer a ligação entre os elementos da paisagem enquanto recursos de desenvolvimento territorial, em associação com o (geo)turismo, permitindo aos alunos obter conhecimentos para responder aos questionários aplicados.

### **2.3.2. Materiais e métodos**

Considerando que a realização deste Relatório de Estágio estava dependente das respostas dadas pelos nossos alunos aos questionários previstos, o primeiro passo passou por estruturar muito bem todas as questões e a forma como seriam formuladas, para garantir que se obtêm os melhores e mais fidedignos resultados.

No que diz respeito à preparação do questionário inicial, rapidamente se chegou à conclusão de que o mais conveniente era a sua aplicação no *Google Forms*. Esta metodologia mostrou-se a mais conveniente, não só devido à dimensão do questionário, mas também por ser mais prática e apelativa para os alunos.

O primeiro questionário<sup>30</sup> foi aplicado no dia 2 de março e teve como objetivo aferir de que maneira a percepção dos alunos sobre a paisagem/espço geográfico, pode potencializar a aprendizagem dos conteúdos programáticos associados ao subtema 'Relevo' das Aprendizagens Essenciais do 7º ano de escolaridade.

O inquérito é constituído por 15 questões, que podem agrupar-se em três secções/grupos. A primeira, incorpora perguntas relacionadas com as características dos inquiridos, de resposta curta ou escolha múltipla.

A segunda, engloba três perguntas abertas, em que se solicita aos alunos uma definição de 'espço geográfico' e o que entendem por 'espço de vivência quotidiana', solicitando-se, finalmente que façam uma descrição do seu 'espço de vivência quotidiana'. Neste contexto, possibilidade de resposta livre acabou por se revelar de análise complexa. Se por um lado somos capazes de inferir certos aspetos através do texto redigido pelos alunos, os procedimentos de análise não passam por uma mera avaliação estatística. Nestes casos, optamos pela elaboração de 'nuvens de palavras', que nos permitem identificar 'palavras-chave' referidas pelos inquiridos, ilustrando-as com uma dimensão que depende da frequência com que os alunos utilizaram determinada palavra. Ou seja, quanto mais se repete uma palavra, maior peso e destaque ela terá na sua representação. Para este efeito, foi utilizada a plataforma *WordArt*<sup>31</sup> que cumpriu bastante bem o seu papel e apresenta uma oferta bastante diversificada. Aliás, por se mostrar tão dinâmica e apelativa, a criação de nuvens de palavras foi frequentemente utilizada em contexto de sala de aula, com um feedback bastante positivo dos alunos.

A terceira e última secção do questionário abrange as restantes perguntas, fundamentalmente relacionadas com o tipo e frequência das deslocações/viagens com fins turísticos realizadas pelos estudantes, assim como a relação/contributo da disciplina de Geografia nesse contexto. Três das questões foram organizadas sob a forma de matriz, englobando um conjunto de afirmações que os alunos teriam de

---

<sup>30</sup> Consultar Anexo 1.

<sup>31</sup> Aceder em: <https://wordart.com/>. Consultado a 06-09-2021

responder de acordo com escalas de frequência e (dis)cordância (escalas de Likert), sendo as restantes de escolha múltipla. Este conjunto de questões estão mais relacionadas com o objetivo do presente RE, pretendendo-se verificar se os alunos reconhecem o potencial da 'paisagem' enquanto património suscetível de potenciar o turismo e o desenvolvimento socioeconómico e cultural dos territórios.

A segunda fase do nosso projeto baseou-se na elaboração/construção de um 'trabalho projeto' (TP) mais restrito relativamente ao que pretendíamos, discutido em contexto de sala de aula com os alunos, explicando-se inicialmente qual o seu propósito: abordar a paisagem e a sua dinâmica na sua relação com o meio, mais concretamente no que diz respeito ao (geo)turismo. As definições das tarefas executadas no contexto do TP foram elaboradas em grupos de dois e abordadas no decurso das sessões letivas, orientadas para o propósito final de construção de 'fichas-inventário' de elementos da paisagem, contemplados nas Aprendizagens Essenciais, que remetem para fins turísticos.

Estas sessões envolveram uma apresentação prévia dos conteúdos teóricos, apoiada na aplicação de ferramentas tecnológicas (já referidas) que podem ser utilizadas para explorar os temas visados: *Google Earth*, *Street View* e fontes documentais *online*. Mas a plataforma mais utilizada pelos alunos foi a *Viagens em Portugal*<sup>32</sup>, por ser considerada mais apelativa pelos alunos deste nível de ensino. A estrutura das 'fichas-inventário'<sup>33</sup> foi pré-definida, para que houvesse um modelo base estabelecido, envolvendo a definição das formas (texto curto), a sua caracterização e ilustração (imagens), localização (mapas), as suas coordenadas geográficas e relevância em termos turísticos.

Por fim, a etapa final do nosso relatório de estágio prendeu-se com a elaboração de um segundo inquérito por questionário<sup>34</sup>, com cerca de 22 'questões/afirmações' sobre diversos tipos de locais 'turísticos', solicitando aos alunos que assinalassem se já

---

<sup>32</sup> Aceder em: <https://www.viagensportugal.net/> Consultado a 07-09-2021

<sup>33</sup> Consultar Anexo 2.

<sup>34</sup> Consultar Anexo 3.



os visitaram ou não. O principal objetivo era averiguar a ligação, ou falta dela, a elementos que valorizam a paisagem, através do turismo geocultural. Desta forma, pretendeu-se analisar as vivências de cada um dos alunos, entender se alguma vez estavam ou não familiarizados com elementos da paisagem que remetem para o Geoturismo.

A acrescentar a isto, de antemão, é possível concluir que todos os inquiridos residem em áreas urbanas. Ainda que uma pequena percentagem de alunos não habite no centro da cidade, a sua distância é relativamente curta, sendo a periferia da cidade 'opção' de uma minoria dos alunos.

### **3. Apresentação e análise dos resultados**

#### **3.1. Primeiro questionário**

Como vimos no capítulo anterior, o primeiro questionário aplicado aos nossos alunos, englobava uma série de perguntas, que subdividimos em três grupos. O primeiro, correspondente à identificação dos alunos inquiridos, foi já analisado no capítulo anterior, aproveitando as informações obtidas para caracterizar a nossa amostra. Assim, vamos neste ponto abordar a segunda e terceira partes do questionário.

O primeiro aspeto que temos de referir, prende-se com o facto de todos os 27 alunos terem sido capazes de responder, de forma empenhada, a todas as questões que lhes foram propostas, dentro do prazo estipulado.

Ainda na lógica do nosso primeiro questionário, verificamos que 63% dos inquiridos têm preferência por visitar espaços naturais (campo, montanha, litoral) onde podem usufruir de um ambiente calmo, ao ar livre, efetuando percursos que lhes permitem apreciar aspetos essencialmente ligados ao património natural (ex. formas de relevo, flora, fauna...). No entanto, cerca de 37% dos inquiridos opta por visitar espaços urbanos, onde lhes é oferecida a possibilidade de usufruir de um vasto conjunto de bens e serviços e apreciar aspetos ligados ao património cultural (ex. arquitetura, monumentos, museus...).

##### **3.1.1. Os conceitos**

O conceito de 'espaço geográfico' foi discutido no início do ano letivo e pretende, de certa forma, introduzir uma ciência/disciplina que irá acompanhar os alunos ao longo dos próximos anos letivos.

Definido no primeiro volume do manual adotado (*A Terra: estudos e representações*), a par com a unidade 1.1. (cf. tabela 3), este conceito surge integrado na 'Descrição da paisagem', em associação com a definição de Geografia, abordando-se o seu objeto e

método de estudo. Na apresentação do conceito de ‘espaço geográfico’<sup>35</sup>, a definição proposta pressupõe a existência de uma articulação indissociável e dinâmica entre sociedade e natureza, de acordo com uma constante transformação do meio por ação do Homem.

Na nuvem de palavras elaborada a partir das respostas completas dos alunos (figura 4A), é possível constatar que apreenderam, de modo geral, o conceito solicitado. Mas, restringindo-nos às palavras mais frequentes, a sua perspectiva clarifica-se (figura 4B), podendo ser dividida em três conjuntos de respostas. O espaço geográfico enquanto:

- (1) objeto de estudo da geografia;
- (2) espaço utilizado, habitado e transformado pelo homem;
- (3) qualquer região/fração do planeta Terra.

Há respostas tão simples como “(...) tudo à superfície da Terra”, mas também mais completas/complexas, nomeadamente:

- O “(...) espaço geográfico é aquele que foi modificado pelo Homem ao longo da história, que contém um passado histórico e foi transformado pela organização social, técnica e económica daqueles que habitaram ou habitam os diferentes lugares”.
- O “(...) meio utilizado e transformado pelas atividades humanas e é o objeto da geografia, um conjunto constituído por diferentes paisagens”.

Numa abordagem geral observamos que a grande maioria dos inquiridos associa o ‘espaço geográfico’ ao objeto de estudo da Geografia, pois foi o que aprenderam e ouviram repetidamente em contexto de sala de aula. Além disto, os alunos também utilizam muito a expressão ‘superfície terrestre’ como sinónimo de ‘espaço

---

<sup>35</sup> Sintetizando, em sala de aula, a definição de espaço geográfico foi elaborada em conjunto com os alunos. Por meio de diálogo fomos construindo uma frase, com palavras simples e acessíveis à sua faixa etária. Deste debate resultaram as seguintes definições: “O espaço geográfico é o objeto de estudo da Geografia e é constituído pelo espaço natural que foi modificado pelo ser humano.”; “O espaço geográfico é composto pelo espaço natural e pela sociedade e encontra-se em construção e transformação constante.”.

geográfico', uma vez que foram utilizados os dois termos nas aulas, com o objetivo de enriquecer o seu vocabulário geográfico.

A ligação com o 'espaço natural' e o 'espaço humanizado' também se mostra bastante evidente, uma vez que se nota claramente que os alunos apreenderam que o Homem tem influência sobre o meio, alterando-o a seu favor. Esta afirmação facilmente se comprova através das palavras "transformado", "modificado" ou "utilizado", fornecidas pelos alunos nas suas respostas.

**Figura 4 – O 'espaço geográfico' no contexto das respostas completas dos alunos (A) e o 'espaço geográfico', salientando as palavras mais frequentes (B).**



Assim, as definições apresentadas demonstram uma ligação evidente ao discutido em sala de aula. O nosso destaque vai para o facto de existir ainda bastante confusão em torno de conceitos chave em Geografia, sendo o 'espaço geográfico' conotado com 'região' ou 'paisagem' e, também, 'meio' ou 'lugar'. Mas consideramos que, se ao nível do ensino superior nem sempre estes termos são plenamente compreendidos pelos estudantes, seria precoce introduzi-los no 7º ano de escolaridade.

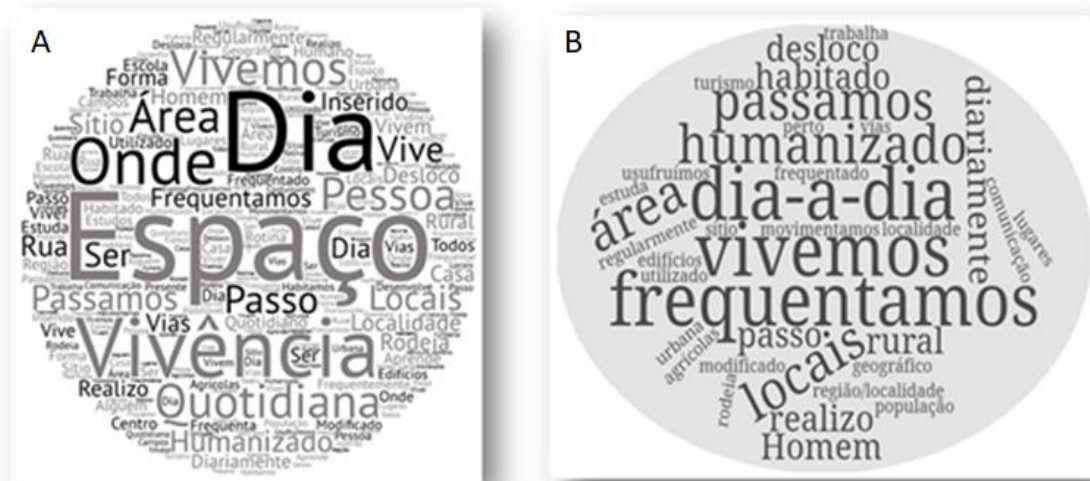
Relativamente ao 'espaço de vivência quotidiana', que podemos associar ao conceito de 'lugar-espaço vivido', as respostas completas dos alunos (figura 5A) mostram-nos que a grande maioria dos alunos assimilaram corretamente o conceito de 'espaço de

vivência cotidiana’. Este conceito remete-nos para algo que faz parte da nossa rotina, ou seja, ações que realizamos desde que acordamos até que nos deitamos e que nos obrigam a deslocar-nos para determinados locais diariamente. É comum a utilização da palavra “dia a dia” num elevado número de respostas, da mesma forma que é possível observar com palavras como “frequentamos”, “passamos”, “vivemos” (figura 5) que nos remetem para ações realizadas assiduamente.

Tendo em conta as definições fornecidas pelos alunos e as palavras mais frequentemente utilizadas, é possível destacar três conjuntos de respostas (figura 5). O espaço de vivência cotidiana pode ser visto como:

- (1) Local onde vivemos/habitável e passamos o nosso dia a dia;
- (2) Lugares que frequentamos;
- (3) Locais para onde nos deslocamos.

**Figura 5 – O 'espaço de vivência cotidiana' no contexto das respostas completas dos alunos (A) e o espaço de vivência cotidiana' salientando as palavras mais frequentes (B).**



Há respostas tão simples como “(...) onde vivemos o nosso dia a dia” ou “onde eu passo frequentemente”, mas depois existem também respostas mais complexas e onde se evidencia, claramente, que os alunos já se mostram capazes de interligar matérias, nomeadamente:

- “O espaço de vivência quotidiana é o espaço em que alguém está inserido. Esse espaço vai ser obviamente humanizado para poder ser habitado, isto é, ter vias de comunicação, campo agrícolas, edifícios... Sendo assim, o espaço pode ser mais humanizado (área urbana) ou menos humanizado (área rural).”.

Alguns alunos chegam até a dar exemplos do que é o seu ‘espaço de vivência quotidiana’, sendo, no seu entender “(...) o espaço em que habitamos e usufruímos durante o dia a dia (exemplo: escola, casa, rua, centro de estudos...)”. Esta resposta mostra-nos que o aluno é capaz de identificar e distinguir ‘espaço de vivência quotidiana’ de outros conceitos, sendo capaz de associar o conceito à sua própria realidade.

No entanto, existem alunos que confundem o conceito de ‘espaço de vivência quotidiana’ com o conceito de ‘espaço geográfico’, analisado anteriormente, tal como podemos comprovar nas seguintes respostas: “(...) é o espaço onde nós vivemos e que também pode ser o espaço geográfico”, ou “(...) é o espaço onde o ser humano vive estando modificado por ele”.

Tal como aconteceu com o conceito de ‘espaço geográfico’, é possível constatar que existe uma certa confusão com os conceitos que abordamos no capítulo 1. Neste caso, uma das definições expressas no questionário, considera que o “(...) espaço de vivência quotidiana é a região onde a população desenvolve o seu dia a dia, por exemplo onde vive, trabalha ou estuda.” No entanto, como vimos no enquadramento concetual do presente RE, o ‘espaço vivido’ remete-nos para o conceito de lugar, para o particular e para a identidade. No entanto, nesta faixa etária, é bastante comum a dificuldade em distinguir conceitos mais abstratos.

A última questão de resposta livre pedia que os alunos elaborassem uma descrição do seu ‘espaço de vivência quotidiana’, tendo por base a definição que tinham fornecido anteriormente (figura 6). Optamos, igualmente, pela construção de nuvens de palavras, sendo possível destacar três conjuntos de respostas com base nas palavras utilizadas com mais frequência. Assim, a descrição do ‘espaço de vivência quotidiana’ é

construída à volta de três locais, designadamente: (1) a Escola; (2) a Casa; (3) as Atividades extracurriculares.

**Figura 6 – Descrição do ‘espaço de vivência quotidiana’ no contexto das respostas completas dos alunos (A) e descrição do ‘espaço de vivência quotidiana’ salientando as palavras mais frequentes (B).**



Nos textos apresentados, constata-se que grande parte dos alunos parte do geral para o particular, ou seja, começam por dizer qual o concelho onde habitam, que é comum a todos eles (Matosinhos) e só depois começam a fazer uma abordagem mais individualizada. Nas descrições elaboradas, a grande maioria dos inquiridos fala em primeiro lugar da sua casa, o espaço habitado, como um elemento fulcral do seu ‘espaço de vivência quotidiano’. Depois, regra geral, comentam a escola e, logo de seguida, os locais que associam às atividades lúdicas/extracurriculares. De notar que facilmente se percebe que a maioria dos alunos frequenta centros de estudos e pratica desporto, após as aulas.

Percebemos, também, que existem dois caminhos diferentes tomados pelos alunos, ou seja, alguns alunos optam por descrever a sua rotina e outros descrevem aquilo que os rodeia, ao longo dos trajetos que realizam, ou apenas a envolvente das suas casas, que é o mais comum. Assim, para alguns alunos a descrição do seu ‘espaço de vivência quotidiano’ passa por:

- “(...) casa, a escola, a academia de ballet onde danço e o parque da cidade.”;
- “(...) vários prédios, moradias, lojas de comércio e serviços. Também é uma zona servida pelo metro e por transportes coletivos.”.

Através de uma rápida análise, facilmente percebemos que o universo de alunos reside numa área urbana, tendo em conta alguns elementos fornecidos pelos mesmos, como é o caso de “parque da cidade”, “prédios” ou “shopping”. Por outro lado, também temos referência a elementos que nos remetem para a ‘paisagem natural’, como por exemplo os “espaços verdes” e “terrenos hortícolas”.

Curiosamente, alguns alunos fazem referência à pandemia da Covid-19 e ao confinamento quando experimentam fazer uma descrição do seu ‘espaço de vivência quotidiana’, alegando que este se encurtou devido ao dever cívico de permanecer em casa: “Neste momento, devido ao confinamento, o meu espaço de vivência quotidiano é em minha casa (...)”; e, ainda: “O meu espaço de vivência quotidiana em confinamento é a minha casa. Mas antes do confinamento o meu espaço de vivência quotidiana era a escola, a natação e a minha casa.” De facto, este panorama veio alterar o nosso quotidiano porque acabou por nos restringir ao nosso local de residência, impedindo-nos de ter um ‘espaço de vivência quotidiana’ mais alargado.

Existe, ainda, um aluno que nutre sentimentos pelo seu ‘espaço de vivência quotidiana’, alegando que este é “(...) por excelência, a escola, mais especificamente a ESJGZ, que frequento diariamente. Neste espaço, interajo com outras pessoas e aprendo, não sendo este espaço apenas físico para mim.” Esta resposta vem comprovar o que temos defendido, no sentido de que as vivências e o quotidiano de cada um de nós varia de pessoa para pessoa, sendo algo individual, onde associamos locais, pessoas e sentimentos.

Concluindo, é importante perceber que o ‘espaço geográfico’ é algo bastante mais abrangente que o ‘espaço de vivência quotidiana’. Pois o espaço geográfico engloba tudo aquilo que nos rodeia, ou seja, o ‘espaço total’, ao contrário do ‘espaço de vivência quotidiana’ que se mostra ser algo mais restrito pessoal, pois está intimamente associado à realidade de cada um de nós.



### **3.1.2. O potencial da ‘paisagem’ enquanto património**

#### **3.1.2.1. Frequência das viagens efetuadas pelos alunos**

Ao longo de toda esta abordagem, mais concretamente no capítulo 1.2., a paisagem tem vindo a ganhar destaque pelo seu potencial e valor de uso. A paisagem pode ter bastante potencial quando existe coesão ao nível do património natural, cultural e estético, pois, só assim, teremos a valorização total dos seus elementos. Esta combinação mostra ser a simbiose perfeita para atrair visitantes – turistas, que procuram descobrir a paisagem na sua plenitude.

Sendo as paisagens bastante diversificadas, como temos vindo a perceber, é um dever cívico que se aposte na valorização do que o território tem para nos oferecer. Se contribuirmos para a valorização do património, usufruindo do mesmo de forma consciente e sustentável, estaremos a fortalecer a nossa economia, valorizando o país como um todo. Silva Araújo (2005, pág. 18) refere que

“(…) na Carta Europeia do Turismo Sustentável para as Áreas Protegidas, o turismo sustentável é definido como qualquer forma de desenvolvimento, equipamento ou atividade turística que respeite e preserve a longo prazo os recursos naturais, culturais e sociais e que contribua de maneira positiva e equitativa para o desenvolvimento económico e bem-estar das pessoas que vivem, trabalham ou se encontram temporariamente nos espaços protegidos.”

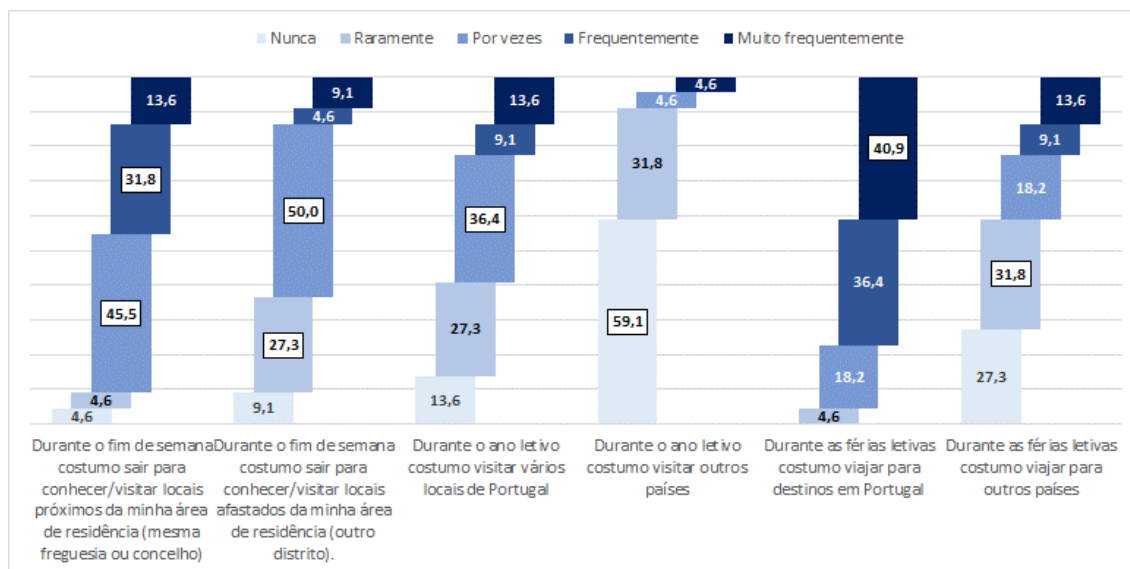
Neste sentido, quisemos perceber de que forma os nossos alunos contribuem para potenciar e valorizar a paisagem, através das deslocações que fazem a título de lazer.

A obrigatoriedade de cumprir horários vem limitar as nossas deslocações ou, pelo menos, encurtá-las. Constituindo a nossa população alvo estudantes do 7º ano de escolaridade, convém recordar que, durante o período escolar, há obrigações a cumprir e a disponibilidade não é a mesma comparando com o período de férias letivas. Olhando para o horário escolar, rapidamente percebemos que de segunda a sexta feira os dias se encontram preenchidos pelas aulas, restando o fim de semana para as atividades de lazer.

Este aspeto encontra-se plasmado na resposta dada pelos alunos à questão, em forma de matriz, em que se solicitava o grau de frequência com que efetuavam viagens

próximo da área de residência, em Portugal e para outros países, considerando diferentes contextos temporais (gráfico 2).

**Gráfico 2 – Frequência das viagens efetuadas pelos alunos, por destino e em função do período de tempo.**



Assim, verificamos que as deslocações durante o fim de semana se encontram mais direcionadas para o mesmo concelho de residência, correspondendo a 77% os alunos que o fazem ‘por vezes’ e ‘frequentemente’. No entanto, é interessante observar que 50% viaja, por vezes, para áreas mais afastadas, designadamente para para outros distritos. Isto pode ser explicado pela vontade de quebrar a rotina de estudo/trabalho, aproveitando os tempos livres para visitar locais/destinos até então desconhecidos, ou, então, procurar ‘refúgio’ em espaços naturais - que, como já referimos, são preferidos por quase 65% do alunos - onde podem usufruir de um ambiente calmo, muito diferente do meio urbano onde residem.

Se tivermos em conta um período de tempo mais longo alargado, considerando a totalidade do ano letivo, o panorama não é muito diferente, mas altera-se a escala espacial: visitar vários locais em Portugal é mais frequente do que a deslocação a outros países, referindo 59.1% que ‘nunca’ viaja para o exterior, ou tal acontece ‘raramente’ (31.8%). De qualquer modo, não deixa de ser curioso que, mesmo no

contexto nacional, seja reduzida a percentagem dos alunos viaja frequentemente/muito frequentemente (22.7%), diminuindo até os que o fazem 'por vezes', quando comparamos com a frequência referida para os fins de semana.

No contexto das férias letivas, onde a disponibilidade de tempo será maior, continua a manter-se uma baixa tendência em visitar outros países, verificando-se que quase 60% 'nunca' ou 'raramente' o faz, sendo apenas 13.6% os que fazem este tipo de viagens 'muito frequentemente'. No contexto nacional o panorama altera-se, pois a grande maioria dos alunos (77.3%) afirma viajar para destinos em Portugal.

Se podíamos pensar que os nossos alunos preferem conhecer novos destinos dentro do seu próprio país, ou frequentar locais que já fazem parte da 'memória familiar', não podemos ignorar que o custo de viajar para o exterior é sempre mais significativo.

Em síntese, podemos referir que os horários e obrigações escolares/profissionais influencia a frequência e distância das deslocações dos nossos inquiridos, sem ignorar que estas fugas à rotina, por muito que haja vontade de sair à descoberta, tem um peso no orçamento familiar. Mas independentemente dos motivos, a expressão "ir para fora cá dentro" faz sentido no nosso estudo de caso. Os alunos deslocam-se e fazem férias preferencialmente em Portugal, contribuindo para a valorização do nosso património geocultural e promovendo o desenvolvimento territorial.

### **3.1.2.2. Perceção dos alunos relativamente à importância do conhecimento geográfico**

Como já referimos, a disciplina de Geografia é uma novidade para os nossos alunos, habituados a vê-la a par com a História. No texto das AE, a Geografia é apresentada como

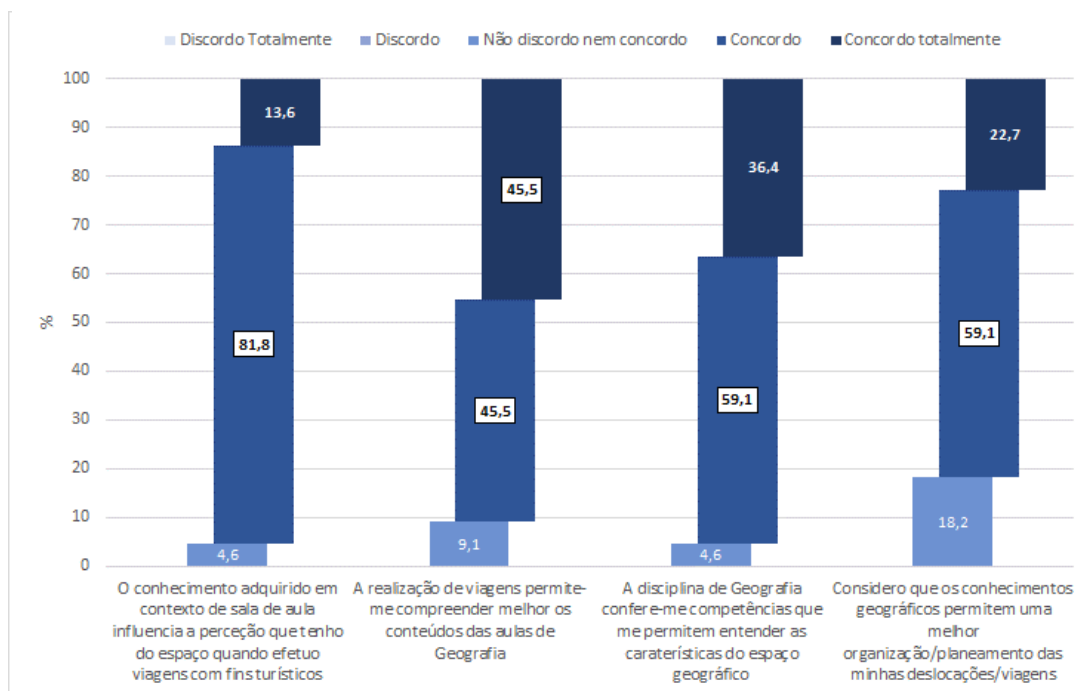
“(...) a ciência e a disciplina que se distingue e caracteriza pelo pensamento espacial, que pode ser definido como o conjunto de competências que compreende o conhecimento dos conceitos relacionados com o território, a

utilização de ferramentas de representação dos fenómenos geográficos e o conjunto de processos explicativos das suas interações, numa visão multiescalar”.

Pela sua diversidade temática e foco no ‘espaço’, ajudando-nos a perceber ‘onde, como e quando’ ocorrem todo um vasto conjunto de fenómenos com que nos cruzamos no dia a dia, a Geografia ‘transmite’ aos jovens um vasto conjunto de conhecimentos integrados e aplicados, para além de os capacitar na utilização de ferramentas/técnicas, que são fundamentais para compreender e interagir com tudo o que nos rodeia.

Associado à unidade 1.1. – Descrição da Paisagem e à unidade 2.2. – Relevo, contempladas nas AE, e que serviram de base à construção deste relatório, consideramos pertinente avaliar a perceção dos alunos sobre a importância dos conhecimentos adquiridos na disciplina de Geografia (gráfico 3).

**Gráfico 3 – Perceção dos alunos relativamente à importância do conhecimento geográfico.**



A primeira observação que destacamos, é o facto das opções ‘discordo totalmente/discordo’ nunca terem sido seleccionadas pelos nossos inquiridos,

relativamente às afirmações positivas que pedimos para classificar, assim como é pouco importante a percentagem de indecisos ('não discordo nem concordo').

Quando questionados relativamente à influência que o conhecimento adquirido em contexto de sala de aula tem na sua perceção do espaço, quando efetuam viagens com fins turísticos, as opiniões são quase unânimes. Efetivamente, 81.8% dos inquiridos 'concorda' com esta afirmação e 13.6% "concorda totalmente". Da mesma forma que conhecer é poder, também ser informado é uma mais valia no que diz respeito à tomada de decisões. Neste caso, percebemos que os alunos consideram que a Geografia contribui bastante para a forma como observam o 'espaço', pelo que são capazes de associar os conteúdos que aprenderam em sala de aula ao que observam.

Na unidade 1.1. – Descrição da Paisagem, facilmente percebemos que os conteúdos abordados (paisagem; elementos da paisagem; multifuncionalidade da paisagem) conferiram aos alunos conhecimentos que, nas suas viagens com fins turísticos, os ajuda a identificar/interpretar a paisagem. Para além disso, os conteúdos abordados são normalmente apresentados com o auxílio de vídeos e imagens. Nestes casos, se é afirmativo que os alunos adquiriram competências que lhes permitem entender as características do espaço geográfico (59,1%), é igualmente verdade que existem pelo que 91% (45,5% concorda e 45,5% concorda totalmente) acredita que nas viagens que realizarem conseguirão compreender/observar com mais nitidez aquilo que ouviram e visualizaram em contexto de sala de aula.

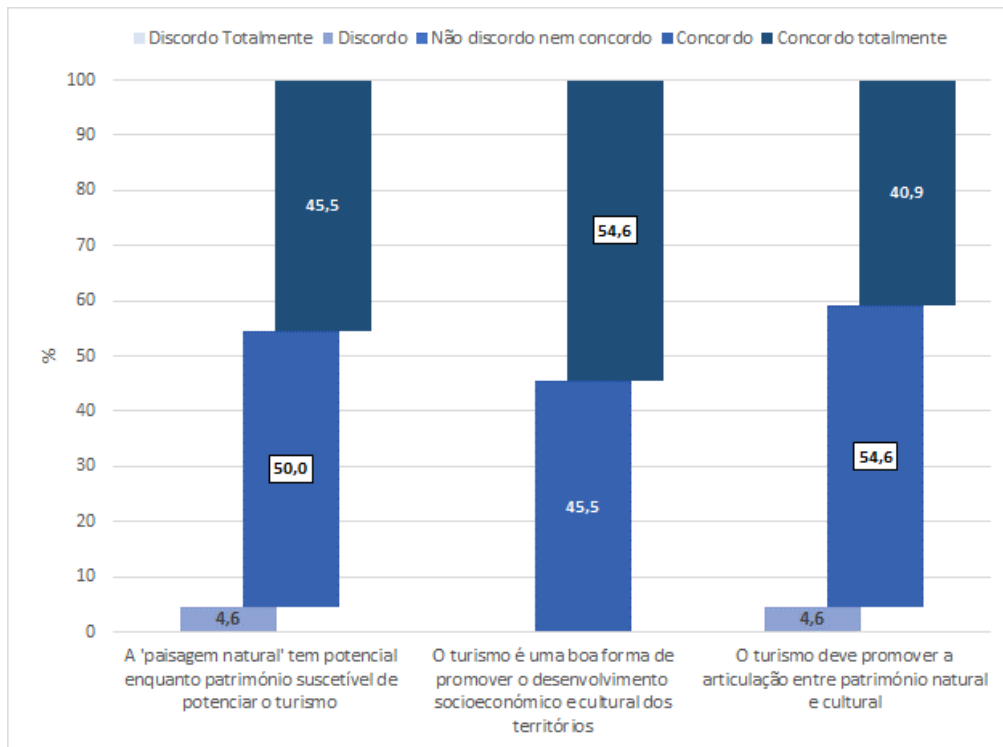
O facto de os conhecimentos adquiridos em sala de aula se mostrarem uma mais valia para os alunos, vai influenciar também as deslocações/viagens que pretendem realizar. Ao adquirirem noção do espaço (pensamento espacial) e ao ganharem competências que os permita compreender os fenómenos ambientais, sociais, culturais e populacionais, os alunos conseguirão fazer escolhas mais adequadas aos seus objetivos, na hora de planear uma viagem (59,1% dos inquiridos considera que os conhecimentos geográficos permitem uma melhor organização/planeamento das suas deslocações/viagens.).

Sendo a Geografia uma ciência espacial, é certo que terá bastante influência no nosso dia a dia , pois está presente um pouco por toda a parte, influenciando as nossas decisões. Ao adquirirem conhecimento geográfico, os alunos serão capazes de compreender melhor o meio em que se inserem, bem como aquilo que observam e encontrar respostas para determinados fenómenos.

### **3.1.2.3. Perceção dos alunos relativamente ao potencial turístico do património**

Assim que abordamos o espaço geográfico, o conceito de paisagem foi bastante debatido nas nossas aulas. Realizamos esboços de paisagens e clarificamos que existem dois tipos de paisagem: a paisagem natural e a paisagem humanizada. A paisagem natural é aquela que nunca sofreu a intervenção do Homem (ação antrópica), no entanto, quando a paisagem natural sofre alterações por parte do ser humano, designamos por paisagem humanizada. É certo que, para assegurarmos a nossa existência e satisfazer as necessidades humanas foi necessária a interferência do Homem, que é já bastante significativa em várias partes do globo. Quando os alunos perceberam esta realidade, procuramos sensibilizá-los para o lado da sustentabilidade, procurando alternativas e formas de usufruir da paisagem, de maneira a não comprometer a sua identidade. Neste sentido, mostramos à turma que uma das formas de preservar o património natural passa pela sua promoção, através de uma forma de turismo sustentável, para que as pessoas possam conhecer/dar a conhecer os locais, ao mesmo tempo que estão em contacto com a natureza, usufruindo do melhor que esta tem para nos oferecer e sem causar qualquer tipo de dano ou impacto negativo. Esta forma de turismo sustentável, à qual designamos de Geoturismo foi bastante bem aceite pela turma e, quando questionada acerca do potencial da 'paisagem natural' enquanto património suscetível de potenciar o turismo' (gráfico 4), as opiniões mostraram-se positivas sendo que a grande maioria dos alunos acredita que é possível usufruir da paisagem a título de lazer, sem que para isso tenha de alterar a sua génese (50% concorda e 45,5% concorda totalmente).

**Gráfico 4 – Perceção dos alunos relativamente ao potencial turístico do património.**



O turismo é uma atividade do setor terciário e não deixa de ser uma atividade económica que tem como objetivo gerar dinheiro. Aproximadamente 55% dos alunos concorda com esta afirmação, muito provavelmente porque estiveram atentos à aula que demos relativa às várias formas de turismo que existem, ou simplesmente porque ouviram falar nas notícias que o turismo é um dos motores da economia nacional. Em qualquer forma de turismo, parte-se do princípio que irá atrair visitantes/turistas. O aumento do fluxo de visitantes permite ajudar a economia local das áreas mais desfavorecidas que associamos ao interior do país. O aumento dos turistas que são atraídos pelo turismo possibilitam dinamizar o comércio local, investindo, através dos monumentos que visitam, com a ida a restaurantes, cafés e unidades de alojamento, gerando emprego e evitando a fuga dos mais jovens para as grandes cidades e para outros países (gráfico 4).

A turma defende que o turismo deve promover a articulação entre o património natural e cultural (aproximadamente 55%), pois ambos os conceitos defendem a

herança e a identidade de um determinado território, preservando as tradições e a cultura que perduram no tempo. No contexto do Geoturismo, é possível assegurar a promoção do desenvolvimento socioeconómico e cultural através das atividades existentes e da promoção e visibilidade que dão aos territórios onde se inserem, atraindo visitantes/turistas que geram o desenvolvimento económico.

#### **3.1.2.4. Vivências dos alunos relativamente a elementos que remetem para a paisagem-património**

O património é tudo aquilo que pertence a uma região, a sua herança e identidade. Já vimos que o património cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Esta definição encontra-se patente na Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural<sup>36</sup>. Esta mesma Convenção definiu, igualmente, que o património natural é formado por monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas, formações geológicas e fisiográficas, além de sítios naturais. No que diz respeito ao património natural, merece destaque a proteção do ambiente, do património arqueológico e o respeito pela diversidade cultural e pelas populações tradicionais.

Observando o gráfico 5, constatamos que estão presentes vários elementos que fazem parte do nosso património natural e cultural. Assim que a turma se encontrava familiarizada com estes termos, optamos por realizar um inquérito onde constavam vários elementos presentes na paisagem, e que teve como objetivo perceber o quão familiarizados os alunos estariam com estes locais.

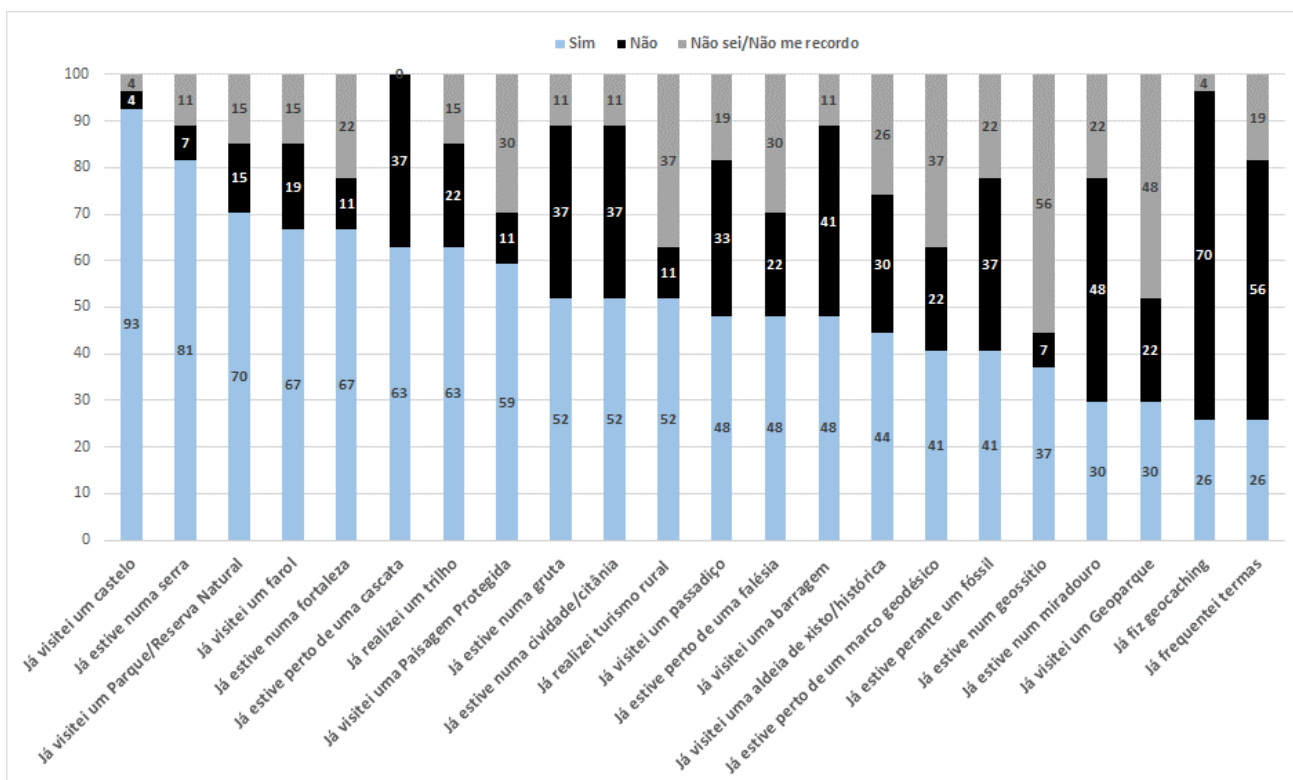
---

<sup>36</sup>A Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, foi elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Paris, no ano de 1972. Foi ratificada pelo Decreto Lei nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977.



Visualmente, concluímos que existem várias barras de cor azul, que nos indicam que grande parte dos alunos já visitaram alguns dos locais aqui indicados (gráfico 5).

**Gráfico 5 – Vivências dos alunos relativamente a elementos que remetem para a paisagem-património.**



O nosso país é composto por vários castelos, fortalezas e outras estruturas defensivas militares, que existem desde a fundação de Portugal e subsequente expansão até à consolidação das fronteiras definitivas. Talvez por isso, pelo legado que carregam e pela importância que assumem para o nosso país, sejam motivo de bastante interesse por parte de quem os visita, nomeadamente dos nossos alunos que, no geral, já se deslocaram para visitar um castelo (93%). O mesmo acontece com as fortalezas (63%), embora, durante a aula, se tenha percebido que existe confusão entre aquilo que é um castelo e uma fortaleza.

No que diz respeito às serras, constatamos que um total de 81% dos alunos já esteve numa serra. O relevo montanhoso é frequentemente procurado por quem aprecia

passeios/férias mais tranquilas por permitir um grande contacto com a natureza e com elementos naturais, bem como a observação de paisagens inesquecíveis. O relevo acidentado permite a existência de configurações diferentes da paisagem, pelo que é possível observar e usufruir de cascatas (63% dos alunos já esteve perante uma), nomeadamente perto das nascentes dos rios onde o curso superior dos rios é propício à formação deste tipo de paisagens. Nas altitudes mais elevadas é possível encontrar, ainda, marcos geodésicos que já foram visitados por 41% dos alunos. Além das cascatas, é possível realizar trilhos, ou seja, percursos pedestres onde é possível realizar caminhadas a pé, rodeados pela beleza natural da paisagem. Portugal é um destino apetecível de se explorar a pé, não só pelo clima agradável mas também pela beleza das paisagens. Incentivar o pedestrianismo na sua dimensão turística tem resultado bastante bem pois, estamos a dar a conhecer diferentes rotas temáticas, incentivando ao turismo de natureza. Desta feita, 63% dos alunos afirma já ter realizado um trilho contribuindo, assim, para a afirmação do património regional.

Aquando da realização de trilhos, é bastante comum cruzarmo-nos com as tradicionais aldeias históricas ou de xisto, que escondem a identidade de povos onde a vida se rege pelos ciclos rurais e onde a agricultura e a pecuária foram fundamentais. Atualmente, as aldeias de xisto têm vindo a ser restauradas com recurso a técnicas tradicionais, atraindo turistas que procuram o turismo rural como forma de fugir à rotina. Com a recuperação e restauro das aldeias, os pontos turísticos de interesse foram aprimorados e com eles foram surgindo e se desenvolvendo atividades comerciais desenvolvidas pela população local. Muitas destas aldeias, ainda mantêm os seus habitantes que se mostram bastante recetivos e dispostos a ajudar e dar a conhecer a sua aldeia, facto comprovado por 44% dos alunos que já tiveram oportunidade de conhecer. Com a crescente procura destes espaços, foram surgindo também novas formas de turismo rural, bem como a aposta na restauração dando a conhecer as tradições gastronómicas, a recuperação do artesanato local e a aposta em desportos de aventura. Todas estas apostas vêm conferir às aldeias potencialidade para se tornarem num dos destinos turísticos mais atrativos do país, revitalizando a região

envolvente e contribuindo para o turismo rural que foi já praticado por 52% dos alunos.

Ainda neste contexto do turismo de natureza, em Portugal não faltam miradouros, que são bastante procurados por quem aprecia observar uma boa paisagem. Há miradouros com vistas para todos os gostos, distribuídos pela serra, com paisagens urbanas ou, ainda, sobre o mar. Curiosamente, apenas 30% dos alunos afirma já ter visitado um, ao passo que um total de 48% diz não ter estado em nenhum. Sendo que no nosso país existem vários miradouros, acreditamos que este resultado se deve ao facto de os alunos não estarem familiarizados com a palavra e terem tido dúvidas na hora de responder. Muitas vezes, associados aos miradouros encontramos passadiços, que têm vindo a ganhar destaque em Portugal, principalmente os que se inserem em áreas mais montanhosas. No nosso país, os passadiços estão na moda e podem assumir um papel muito importante no que diz respeito à preservação dos solos. Ao contrário dos trilhos, que aceleram o processo de erosão provocado pela permanente passagem das pessoas pelos mesmos locais, os passadiços vão permitir acesso fácil sem danificar a vegetação ou ter impacto considerável na fauna existente. Os passadiços de montanha são uma forma de impor o turismo de natureza/sustentável, pois permitem o acesso de todos, permitindo que as pessoas realizem percursos na natureza de uma forma mais acessível (48% dos alunos já fizeram um passadiço). No entanto, para que esta realidade se concretize, é necessário que venham acompanhados de infraestruturas de apoio como por exemplo caixotes do lixo, casas de banho, parques de merendas, estacionamento, recolha de lixo, entre outros, para que não se contribua, ainda mais para o aumento de resíduos.

Em Portugal, os Parques Naturais são um conjunto de áreas protegidas em território nacional que apresentam elevado valor paisagístico, natural e cultural. Para quem procura a natureza, ao mesmo tempo que disfruta de momentos de lazer e tranquilidade, os parques naturais são os locais indicados para visitar. Tal como acontece noutros países, de Portugal fazem parte um conjunto de Parques Naturais inseridos numa rede de áreas protegidas que permitem conservar o meio, de onde fazem parte aspetos culturais e naturais, biodiversidade, diversas espécies animais e,

ainda, o Homem. No nosso país, instituiu-se uma Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP)<sup>37</sup> cuja intervenção no território se encontra legislada e obedece a um conjunto de regras, nomeadamente no que diz respeito à edificação e utilização e uso do solo e do território, incluindo dentro dos Parques Naturais em Portugal. Deste conjunto de áreas protegidas fazem parte:

- 34 áreas protegidas de âmbito nacional (onde se inserem os Parques Naturais);
- 14 áreas protegidas de âmbito regional e local;
- 1 área protegida privada.

Em Portugal, os Parques Naturais correspondem a um conjunto de áreas protegidas com elevado valor e interesse nacional que se caracterizam por conter paisagens naturais, seminaturais e/ou humanizadas. Em contexto de sala de aula, foram explicadas estas terminologias aos alunos, para que fossem capazes de responder assertivamente ao questionário. Deste feito, concluímos que quando questionados acerca dos Parques e Reservas Naturais, 70% dos alunos assume já ter visitado, ao passo que 59% afirma já ter estado numa paisagem protegida.

No nosso país existem 13 Parques Naturais e são locais de eleição para estar em contacto com a natureza e praticar atividades ao ar livre, como é o caso do geocaching, por exemplo. Do total da turma, apenas 26% dos alunos praticou esta atividade que funciona como uma espécie de “caça ao tesouro” através das coordenadas GPS. Para o sucesso desta atividade é necessário que os praticantes se desloquem até ao local indicado, que por norma são sítios de interesse do ponto de vista geográfico. Apesar de estarem familiarizados com este tipo de atividade, apenas uma minoria a praticou. Muitas das vezes, estes locais de interesse geográfico são os designados geossítios, ou seja, locais de interesse geológico que se destacam pela sua individualidade e considerável valor do ponto de vista científico, didático e turístico. Apenas 37% dos alunos dizem ter estado perante um geossítio. Sendo que nos referimos a uma turma

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/rnap>. Consultado a 27-09-2021.

de 7º ano, acreditamos que não seja clara a identificação de geossítios e, talvez por isso, a afluência não seja muita. Os fósseis, por exemplo, são vestígios de seres vivos que habitaram a Terra em períodos geológicos anteriores e, por isso, são considerados geossítios. Sendo os fósseis um exemplo mais concreto daquilo que é considerado um geossítio, 41% dos alunos afirma já ter estado perante um. De referir que os fósseis são estudados na disciplina de Ciências Naturais e, por isso, não se trata de um elemento desconhecido para os alunos.

No entanto, para visitar geossítios, em Portugal existem cinco geoparques que incluem um património geológico de elevado reconhecimento, no entanto, apenas 30% dos alunos diz ter visitado um geoparque. Os geoparques são territórios únicos que apresentam paisagens e locais de elevada relevância geológica e estão associados a uma estratégia de desenvolvimento sustentável e uma gestão integradora de vários elementos, como por exemplo a (geo)conservação e proteção dos valores naturais e culturais com o objetivo de salvaguardar o património; a educação; o desenvolvimento sustentável; o envolvimento das comunidades locais e a promoção do Geoturismo, que incentiva a criação de atividades com base na geodiversidade regional.

Existem, ainda, outros elementos presentes na paisagem como é o caso de faróis, grutas, cidades, falésias, barragens ou termas que se enquadram no contexto que estamos a abordar e que são, igualmente, familiares aos alunos. É evidente que uns são mais visitados que outros mas, regra geral, a turma já esteve perante todos estes elementos que fazem parte do património e da cultura do nosso país.

## Considerações Finais

Ao concluir este relatório de estágio, é indispensável refletir sobre o trabalho e o estudo que foi desenvolvido ao longo de um ano letivo atípico, interrompido pela pandemia da Covid-19. A pandemia veio alterar ligeiramente a forma como os trabalhos foram sendo desenvolvidos ao longo do ano, pelo que foram feitas algumas adaptações na metodologia inicial, de maneira a encontrar um equilíbrio tanto para mim, professora estagiária, como para os alunos. Um dos principais objetivos do trabalho pretendia ver clarificada a perspetiva de paisagem enquanto património, na tentativa de conciliar aspetos naturais e culturais, promovendo a interação entre o Homem e o meio, mais concretamente no que diz respeito ao (geo)turismo.

Para este feito, partiu-se da pesquisa bibliográfica e de questionários e exercícios aplicados aos alunos, com o objetivo de aferir qual a sua perceção relativamente a estas questões. À medida que fui conhecendo os alunos e estabelecendo vínculos afetivos com os mesmos, fui percebendo quais os métodos mais eficazes para a implementação dos trabalhos práticos que viriam a servir de amostra para o presente relatório, mas também na lecionação de cada uma das aulas.

Assim, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar e caracterizar os conceitos definidos nas Aprendizagens Essenciais, relativamente aos subtemas em estudo;
2. Relacionar os 'elementos da paisagem' com a sua utilização no âmbito do Geoturismo/Turismo geocultural, demonstrando o seu potencial como recurso de desenvolvimento endógeno;
3. Avaliar a perceção dos alunos sobre o 'espaço geográfico';
4. Analisar a forma como os alunos observam/compreendem os seus espaços de vivência;
5. Verificar se os alunos conseguem estabelecer uma relação entre o espaço vivido e os conteúdos programáticos;

6. Fornecer ferramentas aos alunos que lhes permitam explorar o espaço geográfico, tornando-os mais autónomos no que diz respeito ao uso das TIC.

O primeiro questionário teve como objetivo aferir de que maneira a perceção dos alunos sobre a paisagem/espço geográfico, pode potenciar a aprendizagem dos conteúdos programáticos associados aos subtemas 'Descrição da Paisagem' e 'Relevo' das Aprendizagens Essenciais do 7º ano de escolaridade. O primeiro subtema, além de abordar a paisagem, trata também as questões da sua multifuncionalidade e dos elementos que lhe pertencem. Os conteúdos programáticos, que foram abordados em contexto de sala de aula, foram corretamente assimilados pelos alunos pois, os questionários aplicados evidenciam que os inquiridos se mostram capazes de associar os elementos geográficos ao seu quotidiano. As nuvens de palavras, onde foi necessário desenvolver uma resposta, demonstram que os alunos interligam matérias, utilizando os termos geográficos corretos. Sendo o espaço geográfico bastante abrangente, verificou-se uma certa tendência para a tentativa de visualizar e representar elementos pertencentes ao mesmo. Reparamos, ainda, que a utilização de imagens ilustrativas é fundamental para a compreensão de alguns conceitos, neste caso no que toca à 'Descrição da Paisagem' e ao 'Relevo', uma vez que a turma mostrou dar-se melhor com métodos visuais, associando mais facilmente os conteúdos quando surgem acompanhados de uma imagem. Além disto, foi perceptível que as vivências dos alunos têm bastante influência na compreensão que detém do espaço, uma vez que depois de assimilados os conceitos adquiridos em contexto de sala de aula são capazes de associar e identificar mais facilmente os elementos que observam no espaço geográfico.

Para os autores envolvidos neste estudo, o espaço geográfico não é um conceito unânime. Existem vários conceitos para o definir que variam consoante a abordagem e a corrente do pensamento geográfico. Em contexto de sala de aula, o conceito de espaço geográfico foi abordado e estudado nas primeiras aulas e, concluímos que os alunos definem o espaço geográfico como sendo o objeto de estudo da Geografia; o espaço utilizado, habitado e transformado pelo homem; qualquer região/fração do planeta Terra. A expressão 'superfície terrestre' também é frequentemente utilizada

como sinónimo. No entanto, verifica-se, ainda, confusão com os conceitos região, paisagem, meio ou lugar, que frequentemente utilizam em sua substituição.

A Geografia é a ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e é composta por diferentes paisagens. Não há um consenso no que diz respeito à elaboração do conceito de paisagem, no entanto, este assume diferentes aceções pois é possível distinguir dois tipos de paisagens: as naturais e as humanizadas. As paisagens encontram-se em constante alteração devido às transformações sociais, mas também a aspetos físicos, culturais e económicos que, cada vez mais, suplicam por uma mudança, manifestando a sua vontade de garantir a sua preservação. É neste contexto que surge o conceito de paisagem-património, baseado em valores mais sustentáveis, que visam defender a paisagem ao mesmo tempo que a promovem como objeto turístico. O conceito de 'sustentabilidade' é familiar ao universo de alunos por ser um tema muito debatido atualmente.

Na tentativa de potenciar e desenvolver a paisagem, enquanto recurso endógeno, surge o conceito de Geoturismo, que vem promover a geodiversidade e valorizar aspetos ambientais e culturais, assentes na lógica dos princípios do turismo sustentável. A reflexão desenvolvida em torno do conceito de paisagem enquanto património veio alargar os horizontes dos alunos, que começaram a observar o meio em que se inserem de outra forma, tornando-os mais autónomos no que diz respeito à identificação dos elementos da paisagem, mas também do potencial da mesma no que diz respeito ao seu aproveitamento turístico.

Os alunos demonstraram reconhecer que a paisagem tem potencial enquanto património suscetível de potenciar o turismo e o desenvolvimento socioeconómico e cultural dos territórios, já que associam esta realidade a práticas de turismo rural, que é um conceito que lhes é mais familiar. No entanto, verifica-se uma certa complexidade em definir conceitos emergentes com esta perspetiva de paisagem-património, como por exemplo a identificação de geossítios, clarificar o conceito de Geoturismo ou distinguir o que é um geoparque. O facto de serem alunos de 7º ano torna a compreensão destas noções mais complexa uma vez que necessitavam de ter



um conhecimento mais fundamentado, nomeadamente no que diz respeito às aprendizagens essenciais do 8º ano, onde são lecionados os serviços e o turismo.

A utilização das TIC como instrumento de trabalho mostrou-se bastante vantajoso e fundamental na compreensão dos elementos que remetem para a paisagem-património por possibilitar que os alunos tivessem contacto com vários elementos que constituem o património do nosso país. A elaboração das fichas-inventário mostrou-se o reflexo do que foi lecionado em contexto de sala. A maioria dos alunos mostrou ter adquirido competências no que diz respeito à identificação de elementos que remetem para a paisagem-património, escolhendo locais com potencial turístico, ainda que uma minoria de alunos não tenha adquirido essa competência.

Concluindo, sendo que as paisagens oferecem uma quantidade significativa de elementos com interesse turístico, conclui-se que a paisagem em si é suficiente para constituir a própria atração turística. O universo de alunos mostra-se sensibilizado com a importância de preservar a paisagem para que as gerações vindouras tenham a possibilidade de usufruir da mesma.

Conceitos como Geoturismo, ecoturismo e turismo sustentável constituem o futuro do turismo em Portugal e seria interessante aprofundar este estudo numa perspetiva mais abrangente e integradora. Este trabalho representa, apenas, um pequeno contributo para o entendimento da paisagem e do espaço geográfico, com a particularidade de ter sido desenvolvido no contexto escolar, procurando melhorar a qualidade do ensino, conferindo novas ferramentas aos alunos, com vista a garantir um futuro melhor, cumprindo o papel e a função que a escola representa.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. M. R. D. (2018). **Espaço escolar e inclusão: a intervenção do parque escolar em escolas secundárias.** (2007/2011).
- ANDRADE, A. R. (2009). **Reflexões sobre o pensamento geográfico e a busca de uma metodologia de trabalho na percepção da geografia ambiental.** *Revista Geografar*, 4(2).
- BARBOSA, L. G., & Gonçalves, D. L. (2014). **A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens.** *Élisée, Anápolis*, 3(2), 92-110.
- BARROS, N. C. C. (2006). **Especiação, região, progresso e política cultural na antropogeografia de Frederico Ratzel.** *Geografia*, 31(3), 455-467.
- BASSIN, M. (1987). **Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography.** *Progress in human geography*, 11(4), 473-495.
- CABRAL, L. O. (2007). **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica.** *Revista de Ciências Humanas*, 41(1 e 2), 141-155.
- CARVALHO, R., & Marques, T. (2019). **A evolução do conceito de paisagem cultural.** *GOT: Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, (16), 81.
- CAVALCANTI, A. P. B., & Viadana, A. G. (2010). **Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga.** *EM GEOGRAFIA*, 11.
- DENTZ VON, E., Andreis, A. M., & Rambo, A. G. (2016). **Categorias espaciais: referentes ao ensino de Geografia.** *Geografia: ensino & pesquisa*. p. 51-66.
- DOMINGUES, Á. (2001). **A paisagem revisitada.** *Finisterra*, 36(72).
- FIALHO, L. M. F., dos Santos Machado, C. J., & de Sales, J. Á. M. (2014). **As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos.** *Educação em Foco*, 17(23), 203-224.
- GIOMETTI, A. B. D. R., PITTON, S. E. C., & ORTIGOZA, S. A. G. (2012). **Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território.** *Franca: Unesp*.

- GOMES, Ana; Boto, Anabela Santos; Lopes, António; Pinho, Hélio (2019). **Fazer Geografia 3.0**. 1ª edição, Porto Editora.
- GOMES, V. M. D. S. (2017). **A paisagem nas artes visuais: de Friedrich a Vertigo (Alfred Hitchcock): uma história cultural do olhar**.
- HENRIQUES, E. (2001). **Os temas culturais na investigação geográfica: breve retrospectiva e ponto da situação**. *Inforgeo*, 16(17), 153-165.
- HOLZER, W. (1999). **O lugar na geografia humanista**. *Revista território*, 4(7), 67-78.
- LAVRADOR, A., Dias, S., & Dias, D. (2017). **A Paisagem um valor relevante no Ensino da Geografia**. *Educação, Sociedade & Culturas*, 51, 173-195.
- MARTINS, A. C. (2006). **O património, ou uma das fac(s)es da «Insustentável Leveza do Ser»?(!)**. lit.-Cultura Light. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 35-52.
- MATOS, R. S. (2011). **A Reinvenção da multifuncionalidade da paisagem em espaço urbano-reflexões**.
- MAXIMIANO, L. (2004) Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. RA´E GA, Curitiba, Ed. UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.
- MONTEIRO, L. R. N. D. C. (2016). **Reinventar a paisagem na era digital**.
- MOREIRA, J. C. (2010). **Geoturismo: uma abordagem histórico-conceitual**. *Turismo e Paisagens Cársticas*, 3(1), 5-10.
- MOURA, D. V., & Simões, C. D. S. (2010). A evolução histórica do conceito de paisagem.
- RODRIGUES, M. L., & Fonseca, A. (2008). **A valorização do geopatrimónio no desenvolvimento sustentável de áreas rurais**. *Colóquio Ibérico em Estudos Rurais-Cultura, Inovação e Território-2008, Coimbra*.
- NOGUÉ, Joan (2008) – **La valoración cultural del paisaje en la contemporaneidad**. In NOGUÉ, J., ed.–El pai-saje en la cultura contemporánea, p. 9-24. [Col. «Paisaje y Teoría, Biblioteca Nueva»].

- OLIVEIRA, A. R. D. (2015). **A Convenção Europeia da Paisagem**. *Ciência e Cultura*, 67(4), 64-65.
- RATZEL, F. (2010). **Sobre a interpretação da natureza** [Über Naturschilderung]. *GEOgraphia*, 12(23), 157-176.
- ROCHA, S. A. (2007). **Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. *Raega-O Espaço Geográfico em Análise*, 13.
- SALGUEIRO, T. B. (2001). **Paisagem e geografia**. *Finisterra*, 36(72).
- SANTOS, M. (2002). **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** (Vol. 1). Edusp.
- SAUER, C. O. (1997). **Geografia cultural**. *Espaço e cultura*, (3), 1-7.
- SCHIER, R. A. (2003). **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, 7.
- SEEMANN, J. (2012). Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções. **Uma Breve Abordagem Contextual**. *Terra Brasilis (Nova Série)*. *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, (1).
- SILVA ARAÚJO, E. L. (2005). **Geoturismo: Conceptualização, Implementação e Exemplo de Aplicação ao Vale do Rio Douro no Sector Porto-Pinhão**.
- SILVA, M. D. S. F., & Da Silva, E. G. (2012). **O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos**. *Anais do VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", São Cristóvão-SE/Brasil*. Sergipe.
- SILVEIRA, E. L. D. (2009). **Paisagem: um conceito chave na Geografia**. *EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina*, 12.
- SOARES, L., Pacheco, E., & Lucas, J. (2018). **«Geo» diversidade, cultura e património: uma leitura integrada da paisagem**. *CEM Cultura, Espaço & Memória*, (4).
- SOROMENHO-MARQUES, V. (2001). **Pensar a paisagem. Da aventura interior ao campo da história**. *Finisterra*, 36(72).

SUERTEGARAY, Dirce Maria. **Espaço Geográfico uno e múltiplo.** *Revista eletrónica de geografia y ciencias sociales.* Universidad de Barcelona, 2001.

TAPSCOTT, Don - **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

## Anexos

## Anexo 1

### Primeiro questionário (parte 1).

## PERCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Este questionário, que se insere no quadro de um estudo em curso no contexto do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), destina-se a aferir se a percepção e conhecimento dos alunos sobre o espaço geográfico enquanto recurso de desenvolvimento endógeno associado ao (Geo)turismo, pode potenciar a aprendizagem dos conteúdos programáticos do 7º ano de escolaridade. Os dados deste estudo são confidenciais e serão utilizados apenas para a investigação em curso.  
Agradecemos desde já a sua colaboração e se necessitar contacte-nos: [danielamatias1998@hotmail.com](mailto:danielamatias1998@hotmail.com); [mpsoares@gmail.com](mailto:mpsoares@gmail.com); [carlosbateira@gmail.com](mailto:carlosbateira@gmail.com)


Nome \*

Texto de resposta curta

Turma \*

Texto de resposta curta

Data de nascimento \*

Dia, mês, ano 

## Primeiro questionário (parte 2).

Concelho e freguesia de residência
Texto de resposta curta .....
Tendo em conta os conteúdos abordados na disciplina de Geografia, elabore uma definição de 'espaço geográfico'. *
Texto de resposta longa .....
Seguindo a mesma linha de pensamento, explicita o que entende por 'espaço de vivência quotidiana'. *
Texto de resposta longa .....
De acordo com a definição anterior, faça uma descrição do seu 'espaço de vivência quotidiana' *
Texto de resposta longa .....
A área onde reside é predominantemente: *
<input type="radio"/> Urbana
<input type="radio"/> Rural
Quando viaja, por lazer, tem preferência por visitar espaços: *
<input type="radio"/> Naturais (campo, montanha, litoral), onde pode usufruir de um ambiente calmo, ao ar livre, efetuando perc...
<input type="radio"/> Urbanos (cidades), onde pode usufruir de um vasto conjunto de bens e serviços e apreciar aspetos ligado...



### Primeiro questionário (parte 3).

Por favor indique a frequência das suas deslocações/viagens, com fins turísticos (antes das restrições associadas \* à pandemia provocada pela Covid19), considerando as seguintes afirmações:

	Nunca	Raramente	Por vezes	Frequentemente	Muito frequent...
Durante o fim d...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante o fim d...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante o ano l...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante o ano l...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante as féri...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante as féri...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quando realiza essas viagens, consegue associar o que observa aos conteúdos programáticos da disciplina de Geografia? \*

- Sim
- Não
- Por vezes

## Primeiro questionário (parte 4).

Assinale o seu grau de concordância/discordância relativamente às seguintes afirmações: *					
	Discordo total...	Discordo	Não discordo n...	Concordo	Concordo total...
O conheciment...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A realização de...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A disciplina de ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero que ...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assinale o seu grau de concordância/discordância relativamente às seguintes afirmações: *				
	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmen...
A 'paisagem natura...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O turismo é uma b...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O turismo deve pro...	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Alguma vez ouviu falar em Geoturismo? *	
<input type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	Não

## Anexo 2

### Ficha-inventário base.

IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO	
<b>Designação:</b>	
<b>Categoria:</b>	
<b>Localização:</b>	
<b>Distrito:</b>	<b>Concelho:</b>
<b>Freguesia:</b>	<b>Coordenadas Geográficas:</b> <input type="text"/>
<b>Enquadramento espacial:</b>	
<div style="border: 1px solid black; height: 150px;"></div>	
<b>Descrição do <u>geossítio</u>:</b>	
<div style="border: 1px solid black; height: 150px;"></div>	

Exemplo de ficha-inventário fornecida aos alunos.

## IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO

**Designação:** Praia Norte

**Categoria:** Geomorfologia

**Localização:**

Distrito: Viana do Castelo

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Areosa

Coordenadas Geográficas:

41°42'10"N

8°51'20"O

**Enquadramento espacial:**



**Descrição do geossítio:**

Praia com muitos afloramentos rochosos, imediatamente a norte do porto industrial. Na orla pode apreciar-se uma interessante crista quartzítica, bem visível nas marés baixas vivas. A orientação hercínica está perfeitamente marcada na topografia.

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO	
<b>Designação:</b> Sant. Sra. de Fátima	
<b>Categoria:</b> Arquitectura	
<b>Localização:</b> Centro	
<b>Distrito:</b> Leiria	<b>Concelho:</b> Ourém
<b>Freguesia:</b> Fátima	<b>Coordenadas Geográficas:</b> 39.6312638, -8.6731571
<b>Enquadramento espacial:</b>	
	
<b>Descrição do geossítio:</b>	
<p>A sua edificação iniciou-se em 1919 com a construção da Capelinha das Aparições; ao longo dos anos o santuário foi sendo expandido, contando hoje com duas basílicas, o que representou um aumento significativo da capacidade de acolhimento de peregrinos em recinto coberto. Contudo, os diversos planos urbanísticos criados para ordenar seu crescimento tiveram pouco efeito prático, e o complexo que se vê atualmente é fruto mais de intervenções pontuais que atendiam a necessidades do momento do que de um planeamento unificado e de longo prazo. Por outro lado, o poderoso impulso gerado pelo Santuário de Fátima foi responsável pelo crescimento exponencial de uma zona do país até aí muito pouco desenvolvida.</p>	

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

### IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO

**Designação:** Jardim Botânico

**Categoria:** Ambiente/ecologia

**Localização:**

**Distrito:** Porto

**Concelho:** Porto

**Freguesia:** Lordelo do Ouro **Coordenadas Geográficas:** 41°9'13"N 8°38'33"O

**Enquadramento espacial:**



**Descrição do geossítio:**

Criado em 1951, o Jardim Botânico é uma unidade da Universidade do Porto de ligação à comunidade. Este compreende-se atualmente no jardim histórico, o jardim de suculentas, uma zona de estufas com plantas tropicais, subtropicais, orquídeas e suculentas, uma área de lagos com plantas aquáticas, uma área de parque com uma coleção de gimnospermas exemplares de faias, carvalhos, tulipas e magnólias, entre outras.

## Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

### IDENTIFICAÇÃO DO GEOSÍTIO

**Designação:** Janela Reboleira

**Categoria:** História

**Localização:**

**Distrito:** Porto

**Concelho:** Penafiel

**Freguesia:** Penafiel

**Coordenadas Geográficas:** 41.2078056,-8.3050461

**Enquadramento espacial:**

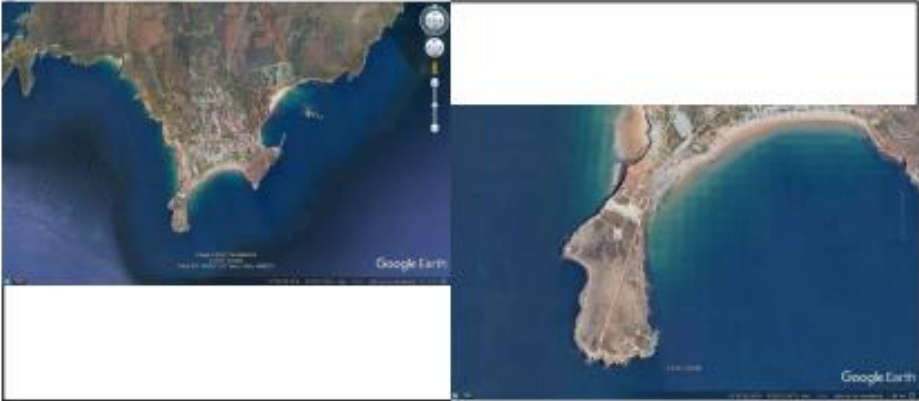


**Descrição do geossítio:**

A designada Janela da Reboleira integrava originalmente a estrutura de uma casa edificada na zona ribeirinha da cidade do Porto, situada na esquina que une a Rua da Alfândega e a Rua da Fonte Taurina. Esta casa, que terá sido edificada entre os meados do século XV e o início da centúria de Quinhentos, foi demolida no século XIX. A janela, possivelmente pela sua interessante estrutura, foi poupada da demolição, e em 1880 Tomás Sandeman doou-a a Manuel Pedro Guedes, proprietário da Quinta da Aveleda, em Penafiel.

Esta quinta, conhecida pela sua produção vinícola, foi edificada no século XVI, sendo então uma propriedade foreira que passou por várias gerações da mesma família. Na segunda metade do século XIX a quinta foi reabilitada por Manuel Pedro Guedes, deputado e autarca, que ao longo da década de 60 foi adquirindo diversos terrenos em volta da Aveleda, o que lhe permitiu alargar consideravelmente a propriedade familiar.

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO	
<b>Designação:</b> Ponta de Sagres	
<b>Categoria:</b> Panorama	
<b>Localização:</b>	
<b>Distrito:</b> Faro	<b>Concelho:</b> Vila do Bispo
<b>Freguesia:</b> Sagres	<b>Coordenadas Geográficas:</b> 36.9939155, - 8.9471321
<b>Enquadramento espacial:</b>	
	
<b>Descrição do geossítio:</b>	
<p>A Ponta de Sagres (o étimo tem origem no latim Promontorium Sacrum, "Promontório Sagrado") foi usada para fins religiosos desde a época do Neolítico, existindo menires no concelho de Vila do Bispo.</p> <p>O promontório de Sagres foi sempre importante para os navegadores porque oferece abrigo às embarcações antes da perigosa navegação na zona do Cabo de São Vicente. Devido ao risco de serem empurrados pelas ondas para as falésias do Cabo, os mestre e capitães preferiam esperar condições favoráveis de vento e mar nas enseadas junto à Ponta de Sagres.</p> <p>Vale a pena percorrer o caminho sobre o mar que rodeia toda a península de Sagres.</p>	



Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO	
<b>Designação:</b>	Ecovia do Vez
<b>Categoria:</b>	Ambiente/ecologia
<b>Localização:</b>	
<b>Distrito:</b>	Viana do Castelo
<b>Concelho:</b>	Arcos de Valdevez
<b>Freguesia:</b>	Santar
<b>Coordenadas Geográficas:</b>	41°47'36.5"N 8°30'18.3"W
<b>Enquadramento espacial:</b>	
	
<b>Descrição do geossítio:</b>	
<p>Percurso acondicionado ao longo dos rios Lima e Vez, entre São Paio de Jolda e Sistelo, com uma extensão de 32km. O trajeto é muito pitoresco, com passadiços acompanhando a margem direita de ambos os rios, quase sempre muito arborizada. Há oito áreas de lazer infraestruturadas.</p>	

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

### IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO

Designação: Parque Ecológico Urbano

Categoria: Ambiente/ecologia

Localização: Alto Minho

Distrito: Viana do Castelo

Concelho: Viana do Castelo

Freguesia: Santa Maria Maior

Coordenadas Geográficas: 41.694169 -8.8144424

Enquadramento espacial:



Descrição do geossítio:

Espaço verde urbano, na parte Este da cidade, ao longo do rio Lima. Tem uma área de cerca de 20 hectares. Inclui jardins, lagos, assim como uma quinta pedagógica, posto náutico e circuitos de manutenção desportiva. Tem vários percursos que são possíveis de fazer tais como: o Percurso Pedestre e Equestre da Ribeira Lima, o Percurso Equestre Lanheses- Montaria (Serra de Arga) e o Percurso Equestre do Litoral.

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

### IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO

**Designação:** Jardim Botânico

**Categoria:** Ambiente/ecologia

**Localização:**

**Distrito:** Porto

**Concelho:** Porto

**Freguesia:** Lordelo do Ouro **Coordenadas Geográficas:** 41°9'13"N 8°38'33"O

**Enquadramento espacial:**



**Descrição do geossítio:**

Criado em 1951, o Jardim Botânico é uma unidade da Universidade do Porto de ligação à comunidade. Este compreende-se atualmente no jardim histórico, o jardim de suculentas, uma zona de estufas com plantas tropicais, subtropicais, orquídeas e suculentas, uma área de lagos com plantas aquáticas, uma área de parque com uma coleção de gimnospermas exemplares de faias, carvalhos, tulipas e magnólias, entre outras.

Exemplo de ficha-inventário elaborada por um grupo de dois alunos.

## IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO

**Designação:** Praia da Salema

**Categoria:** Praias

**Localização:** Região Sul

Distrito : Faro

Concelho: Vila do Bispo, Algarve

Freguesia: Budens

Coordenadas Geográficas: 37°03'58"N, 8°49'41"O

**Enquadramento espacial:**



**Descrição do geossítio:**

A praia associa-se à povoação da Salema, pequena vila piscatória.

Funciona também como porto de pesca.

A praia tem um passeio agradável com algumas esplanadas sobre o mar. O areal é amplo e tem mais de 1km de extensão. Podem também

observar-se nas paredes rochosas, pegadas de dinossauros que povoaram

a região há cerca de 140 milhões de anos.

## Anexo 3

### Exercício final (parte 1)

7º Ano Ano letivo 2020/2021

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_ Turma \_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

As formas de relevo são um dos exemplos mais visíveis dos elementos físicos da paisagem, podendo ser vistas como uma forma de desenvolvimento associado às atividades turísticas. Assim, lembrando as formas do relevo, existe um conceito que visa a sua valorização e preservação – o **Geoturismo**. O Geoturismo valoriza aspetos ambientais e culturais e assenta nos princípios do turismo sustentável, promovendo a geodiversidade e o património geológico do território.

**Todos nós podemos contribuir para a valorização da paisagem quando realizamos turismo sustentável.** Posto isto, coloque um X em todos os campos, conforme as suas vivências.

	Sim	Não	Não sei/não me recordo
Já visitei um passadiço.			
Já estive num miradouro.			
Já fiz geochaching.			
Já tive oportunidade de estar perto de um marco/vértice geodésico.			
Já visitei uma Paisagem Protegida.			
Já visitei um Parque/Reserva Natural.			
Já visitei um Geoparque.			
Já estive perto de uma cascata.			
Já estive perante um fóssil.			
Já estive num geossítio.			
Já visitei uma gruta.			
Já tive oportunidade de visitar uma aldeia de xisto/histórica.			
Já estive numa cidade/citânia.			

## Exercício final (parte 2)

Já realizei um trilho.			
Já visitei um castelo.			
Já estive numa serra.			
Já visitei um farol.			
Já estive numa fortaleza.			
Já estive perto de uma falésia.			
Já visitei uma barragem.			
Já frequentei termas.			
Já realizei turismo rural.			